

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SEMIÓTICA PSICANALÍTICA – CLÍNICA DA
CULTURA

ELAINE SANTANA DOS SANTOS

UMA LEITURA DO AMOR NO SÉCULO XXI
Um diálogo dos aspectos do filme HER

SÃO PAULO – SP
2018

ELAINE SANTANA DOS SANTOS

UMA LEITURA DO AMOR NO SÉCULO XXI

Um diálogo dos aspectos do filme HER

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura, para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Claudio César Montoto

AGRADECIMENTOS

Ao professor Claudio César Montoto, pela orientação, paciência e por todo o ensinamento.

Aos demais professores do curso de Semiótica Psicanalítica, por todas as reflexões, aprendizados e ensinamentos que mudaram minha perspectiva do mundo.

Aos meus colegas de turma que tornaram a experiência mais interessante e enriquecedora.

Aos meus pais que me ensinaram sobre o amor incondicional.

A meu esposo Vanderson, por todo apoio e pelo amor possível.

“(…) durante séculos, não se fez outra coisa senão debater o amor” (LACAN, 2010, p. 26).

RESUMO

SANTOS, Elaine Santana dos. (2018). Uma leitura do amor no século XXI – Um diálogo dos aspectos do filme HER. Monografia de Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Este trabalho estabelece uma análise de alguns aspectos do filme *HER* como modelo de um produto cultural para refletir sobre as relações amorosas que são estabelecidas a partir do avanço tecnológico. Para tal, inicialmente discute algumas considerações sobre o conceito de amor na filosofia e na cultura. Posteriormente o conceito de amor em psicanálise e os desdobramentos das relações amorosas na contemporaneidade. Nesse processo, o trabalho baseia-se na articulação das ideias de Lacan a respeito do conceito de Imaginário, pois a ligação amorosa surge exatamente na primeira infância em que a mãe é o objeto primordial para a criança, isto é, o “falo”, o bebê identifica-se com o desejo desta. Essa posição paradisíaca é cindida quando a mãe faz menção a uma lei que está fora dela, coloca como um sujeito incompleto, o que está em questão nesta relação dual e imaginária é a função paterna. Dentro do cenário de modernidade líquida foram organizados os conceitos de Bauman (2004), o sociólogo traz em seus estudos o conceito de “amor líquido” que retrata a efemeridade que também permeia a “era digital”.

Palavras chaves: Psicanálise. Modernidade líquida. Avanço Tecnológico. Imaginário. Amor Líquido.

ABSTRACT

SANTOS, Elaine Santana dos. (2018). A reading of love in the 21st century - A dialogue of aspects of the film HER. Specialized Monograph on Psychoanalytical Semiotics - Cultural Clinic, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

” This work establishes an analysis of some aspects of the film HER as a model of a cultural product to reflect on the love relationships that are established from the technological advance. For this, it initially discusses some considerations about the concept of love in philosophy and culture. Subsequently the concept of love in psychoanalysis and the unfolding of love relationships in the contemporary world. In this process, the work is based on the articulation of Lacan's ideas about the concept of the Imaginary, since the amorous connection arises exactly in the first childhood in which the mother is the primordial object for the child, that is, the "phallus" the baby identifies with her desire. This paradisiacal position is split up when the mother makes reference to a law that is outside her, places as an incomplete subject, what is at issue in this dual and imaginary relation is the paternal function. Within the context of net modernity, the concepts of Bauman (2004) were organized, the sociologist brings in his studies the concept of "net love" that portrays the ephemerality that also permeates the "digital age”.

Key words: Psychoanalysis. Net modernity. Technological progress. Imaginary. Liquid Love.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	9
2.0 SOBRE O AMOR	
2.1 AMOR NA FILOSOFIA	
2.1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O BANQUETE DE PLATÃO.....	13
2.2 AMOR NA CULTURA	
2.2.1 AMOR CORTÊS.....	30
2.2.2 AMOR ROMÂNTICO.....	38
2.3 CONCEITO DE AMOR EM PSICANÁLISE	
2.3.1 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	43
2.3.2 AMOR EM FREUD.....	47
2.3.3 AMOR EM LACAN.....	52
3.0 MODERNIDADE LÍQUIDA E AS RELAÇÕES AMOROSAS	
3.1 AVANÇO TECNOLÓGICO.....	59
3.2 RELAÇÕES LÍQUIDAS NA MODERNIDADE.....	61
3.3 OS RELACIONAMENTOS VIRTUAIS.....	64
3.4 AMOR LÍQUIDO.....	69
4.0 EXACERBAÇÃO DO IMAGINÁRIO EM HER	
4.1 FICHA DO FILME HER	76
4.2 ARGUMENTOS	77
4.3 ANÁLISE DAS DUAS CENAS DO FILME.....	79
4.4 A LÍQUIDEZ EM HER.....	89

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
6.0 BIBLIOGRAFIA.....	93
6.1 ARTIGOS ACADÊMICOS.....	95
6.2 OUTROS TEXTOS	96

1.0 INTRODUÇÃO

O trabalho tem a proposta de problematizar a questão do amor na contemporaneidade por meio da tecnologia. A ideia de alguém amar uma pessoa através de um sistema operacional artificialmente inteligente traz a reflexão sobre as novas formas de amar. As relações amorosas estabelecidas por meios virtuais estão cada vez mais comuns e seus efeitos psíquicos e culturais também. Nelas o sujeito projeta o desejo de ser amado e completo na pessoa que esta atrás da máquina, isto é, ele se apaixona pelo ideal de alguém.

Com isso é possível supor que, o amor sustentado pela virtualidade pode ser compreendido pelo desejo de completude, já que, esse outro pode ser alguém idealizado. Por outro lado a busca por um relacionamento amoroso através dos meios virtuais pode ser interpretada como uma maneira do sujeito manter-se afastado do seu objeto de amor, sendo assim não precisa lidar com as frustrações que a paixão pode trazer ao longo do tempo.

Considerando que a presente monografia é resultado de um aprendizado semiótico-psicanalítico, foi realizada a análise e reflexão de alguns aspectos do filme *HER* de Spike Jonze. O filme narra o amor de um homem por um sistema operacional artificialmente inteligente; o sociólogo Bauman traz em seus estudos o conceito de “amor líquido” que retrata a efemeridade que também permeia a “era digital”. O amor líquido está relacionado ao medo do comprometimento. A análise do filme tem a proposta de reflexão sobre como o sujeito atual se relaciona amorosamente com a máquina.

No capítulo (2.0) foi tratada a questão do amor. E para desenvolver os conceitos sobre o tema, o trabalho foi dividido em subcapítulos. No subcapítulo (2.1) foram levantadas algumas considerações sobre o “amor” no importante livro *O Banquete* de Platão, texto que é considerado um dos mais importantes estudos sobre o amor. O referente texto sobre o amor de Eros tem grande contribuição, pois estabelece relação com o conceito de amor na atualidade. Ainda neste texto foram analisadas as considerações feitas por Lacan (2010), em *O Seminário, livro 8: a transferência*, no qual ele retrata de forma poética o diálogo de Platão, o colocando num lugar não somente histórico, e considera que a interpretação sobre o amor é a

mais difícil e misteriosa das relações entre as pessoas. Ele pondera também que ao refletir sobre o amor é pensar em *transferência*, desta maneira se dedicou aos estudos sobre *O Banquete*, pois é nesta obra que se fala de amor, e lá encontrou um exemplo precioso para embasar seus estudos a respeito da *transferência*.

Já no subcapítulo (2.2) foi desenvolvido o conceito de amor na cultura, desde o amor cortês e o amor romântico. O amor cortês surgiu no século XII, sendo a primeira manifestação de um amor recíproco. Com ele veio o amor romântico. O amor cortês surgido então no século XII é caracterizado, principalmente, por idealizar a pessoa amada elevando-a a um plano divino e também pela busca de um ideal de cortesia. Uma das principais características do “amor cortês” é o modelo de amor que não pode ser correspondido, neste caso a dama é o objeto de amor e exprime que é impossível alguém se aproximar. Essa ideia também é estudada por Lacan (2008) no *Seminário livro 7: a ética da psicanálise*, para ele as regras contidas no amor cortês relatam uma inibição da sexualidade e a construção de uma visão da mulher como um enigma, pois parecia inacessível e indecifrável. Sendo assim o amor cortês tinha como característica peculiar o segredo. Finalmente é possível concluir que o amor cortês como destacado deu origem a manifestação de amor sabida até a atualidade, e conhecida como uma relação amorosa entre pessoas. Tal amor mudou a forma de homens e mulheres se relacionarem.

Já o amor romântico por ser histórico, é considerado uma construção social e varia de forma, de significado e de valor. Mesmo sabendo que o amor não é espontâneo e natural existe na cultura o interesse de que ele permaneça como ideal de felicidade. O romantismo amoroso é uma marca importante na cultura ocidental. Este ideal normatizou o comportamento emocional das pessoas, levando a autonomia e possível felicidade. O amor romântico foi valorizado e tomado como moeda forte da felicidade assim como o consumo e o sexo.

Considerando que a proposta do trabalho em questão é compreender o aspecto emocional dessas relações amorosas que são estabelecidas por meio da tecnologia, isso remete a ideia de rapidez e efemeridade nas relações. O que toca neste trabalho é a questão do desejo de amar e ser amado e com isso poder sentir a felicidade plena. Na teoria de Lacan, o sujeito ao nascer é permeado de desejo que vem do grande Outro, através da linguagem, conceito esse sobre a relação que o bebê tem com a função materna. A mãe, comumente, é o primeiro a ocupar esse lugar do Outro primordial, na medida em que ela entra na ordem simbólica da

presença-ausência, a criança determina-se como assujeito, o sujeito, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante. Desta forma o grande Outro começa nessa relação e coloca o sujeito numa posição de que um dia existiu uma completude. Uma busca incessante na vida e a sensação de completude o sujeito então sente uma falta e busca através dos objetos de desejo essa completude saudosista, uma das formas de buscar essa sensação ilusória da relação primitiva é a busca do par amoroso. Esses conceitos foram trabalhados no subcapítulo (2.3) “conceito de amor em psicanálise”. Foram explanadas algumas ideias de Freud e Lacan sobre o amor.

No capítulo seguinte (3.0) “modernidade líquida e as relações amorosas”, foram desenvolvidos os conceitos de modernidade líquida e o avanço tecnológico. As ideias de Bauman sobre a “modernidade líquida” e o “amor líquido” se encaixam na proposta desta monografia. Com a globalização e a evolução nos meios de comunicação o amor romântico tem tomado outras formas. Os encontros entre pessoas estão cada vez mais virtuais, e as relações amorosas não poderiam ficar de fora, já que tais meios se tornaram uma ferramenta para paixão. Numa sociedade cada vez mais ligada ao que é efêmera, a evolução rápida dos meios de comunicação como os celulares, smartphones, se apresenta com uma gama de aplicativos que “tentam” facilitar a vida das pessoas em todos os aspectos. Desde os primeiros sites de encontros até os dias de hoje as pessoas buscam se relacionarem virtualmente com a finalidade de encontrarem prazer nessas relações, seja um prazer sexual ou uma relação de amor duradoura. Numa sociedade cada vez mais líquida, as pessoas procuram no amor, através dos meios virtuais essa sensação primeira de prazer, a cada dia surgem novos aplicativos que nos remetem a busca desta felicidade.

Finalmente no capítulo (4.0) “exacerbação do imaginário” foi realizada a análise de alguns aspectos do filme HER. A reflexão sobre as duas cenas expostas se deu em torno de como o sujeito atual se relaciona amorosamente com a máquina, isto é, projeta neste Outro o desejo de ser amado incondicionalmente. O amor sustentado por meios virtuais podem ser compreendidos pelo desejo que o sujeito tem de se sentir completo e amado, esse outro pode ser alguém totalmente idealizado isso faz parte do imaginário. O amor de Theodore por Samantha pode ser considerado uma exacerbação do imaginário.

Ressaltando que a produção cinematográfica foi um caminho escolhido a fim de apresentar os sintomas da cultura, pois expõem situações referentes às demandas subjetivas dos relacionamentos entre os sujeitos, logo tão significativa para uma leitura semiótica psicanalítica da clínica da cultura. A finalidade desta monografia é contextualizar os assuntos relacionados ao amor e seus desdobramentos na atualidade.

2.0 SOBRE O AMOR

2.1 Amor na filosofia

2.1.1 Algumas considerações sobre *O Banquete* de Platão

Dentre as formas de afetos expressas pelo ser humano o amor ainda é um mistério, um enigma a ser decifrado, e para iniciar a reflexão sobre o “amor” será necessário levantar algumas considerações do tema através do livro *O Banquete* de Platão, texto que é considerado base para todos os estudos que são realizados sobre o amor. Fazendo um percurso psicanalítico do qual se propõe este trabalho, a leitura do *Banquete* também é realizada por Lacan, em *O Seminário, livro 8: a transferência*, Lacan (2010). Mas por que iniciar a leitura sobre o amor através do *Banquete* de Platão? Primeiramente, porque toda a filosofia está sobrepujada, com força, em Platão. Tanto a filosofia que concerne à grande história da metafísica ocidental, mas também aquela filosofia que se opôs e tentou desconstruir o platonismo. Mas Platão excede à filosofia, pois ele utiliza como recurso os mitos, a literatura e os destinos dialógicos da escrita. Além disto, se trata de um texto que baseia a concepção ocidental do amor, sempre retomado e explanado, de Plotino a Marsílio Ficino, de Freud e Lacan (DUMOULIÉ, 2005). E para refletir sobre o amor na modernidade é de suma importância resgatar a releitura deste texto, embora a obra seja dotada de grande complexidade, pois está no centro da filosofia platônica, ela apresenta uma profunda contribuição para o tema do amor.

Nas releituras sobre o amor é impossível não fazer referência a uma das maiores formas, de acordo com os filósofos, sobre este assunto. O amor de Eros é uma inscrição que a maior parte dos filósofos e pesquisadores se ocupa para refletirem sobre o amor, o “*Banquete* de Platão”, é um exemplo sobre o tema com grande contribuição que estabelece relação com o mundo pós-moderno (MONTOTO, 2012).

A ideia de que *O Banquete* é a maior fonte do discurso amoroso no ocidente, destaca que o significado do amor como alguma coisa boa, bela e verdadeira

aparece no Ocidente em primeiro lugar na Grécia antiga. A maior parte dos peritos como filósofos, historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, psicanalistas e literatos etc. concordam em reconhecer que *O Banquete*, de Platão, é a maior fonte do mito amoroso no Ocidente. Os sete discursos sobre o amor incluso no texto platônico não são precisamente do mesmo valor no sentido que dão ao termo Eros. Ao examinar o mito platônico do amor, observa-se que alguns significados são dados à natureza do amor. Dentre eles, com relevância os discursos de Aristófanes, Agatão e Fedro, eles se colocaram na tradição e aos poucos foram apropriados novamente pelo pensamento moderno romântico, com a finalidade de tornar legítima a ideia que o amor verdadeiro seria um único sentimento, inconfundível, universal essencial à natureza humana (COSTA, 1998).

O que é *O Banquete*

O filósofo grego Platão (2003), em seu livro *O Banquete*, por meio dos personagens colocados em sua obra, propõe explorar a temática do amor. Portanto do que se trata o referente texto platônico sobre o amor? Congregados na residência de Agatão a fim de festejarem a conquista deste personagem, em uma condição de um encontro literário, os convidados para o alegre banquete, resolvem debater nesta ocasião sobre o deus Eros. A sugestão partiu de um dos participantes com o nome de Erixímaco e logo realizado pelos demais convidados. Isto depois de decidirem não se embriagarem naquele momento, como era de praxe, Erixímaco sugere desta forma que se divirtam se ocupando dos discursos sobre Eros (FLORIANO, 2015).

De acordo com Lacan (2010) *O Banquete* é um ritual com normas, uma forma de rito, de concorrência entre amigos da nata, um jogo da sociedade. O cumprimento da segunda parte do banquete não é, todavia, apenas uma razão para o diálogo de Platão, mas fazem alusão a maneiras, costumes que eram verdadeiramente exercidos de acordo com os lugares da Grécia, referindo ao nível cultural. O preceito que ali se impõe não tem nada de anormal, cada participante coloca sua contribuição, que resume numa preleção regulada sobre um tema. Desta forma todos os convidados desta celebração decidem fazer alguns discursos a respeito do tema “amor”. Para compreender os discursos é necessário relatá-los

aqui um a um a fim de que fique mais claro o que cada convidado desta celebração refletiu sobre o amor.

Fedro foi o primeiro comensal a discursar. Daí os discursos vão decorrendo, um após o outro, os convidados do banquete manifestam suas sugestões acerca de Eros e do amor e, assim, vão reunindo vários atos virtuosos, como a coragem, a amizade, a renúncia da vontade própria entre outros. As pessoas presentes enfatizam os diversos sentidos do amor e como ele se apresenta afetivamente entre os amantes, como por exemplo, na prática de uma profissão ou no exercício da filosofia, no governo dos Estados e dos povos entre muitas outras (FLORIANO, 2015). Fedro coloca Eros como um dos mais antigos deuses, que surgiram depois do caos da terra. Após o caos, nasceram duas divindades que são: Terra e Eros. Eros é a divindade mais poderosa e a mais admirada pelos gregos. Por Eros ser o deus mais antigo, traz distintas fontes do bem, que é o amor de um amante. De tudo o que o ser humano pode ter – vínculos do sangue, dignidade e riquezas – nada no mundo pode, como Eros, fazer nascer à beleza. É o Eros que insufla os homens a grandes elevações, para ele somente os que amam sabem morrer um pelo outro.

Desta forma o discurso de Fedro começa assim:

(...) que era um grande deus o Amor, e admirado entre homens e deuses, por muitos outros títulos e, sobretudo sua origem. Pois o ser entre os deuses o mais antigo é honroso, dizia ele, e a prova disso é que genitores do Amor não os há, e Hesíodo afirma que primeiro nasceu o Caos. (...) Diz ele então que, depois do Caos foram estes dois que nasceram Terra e Amor (PLATÃO, 2003, p.9).

Neste trecho percebe-se que Fedro coloca o deus Eros num lugar de empoderamento, pois o mesmo além de ser o mais antigo dos deuses era respeitável e respeitado e possuía melhores condições para elevar os homens a virtude e a felicidade tanto na vida quanto na morte. Ele estabelece a ideia de amor como um grande Deus, *megas theos*. Refere-se também a dois filósofos Hesíodo e Parmênides que, a princípio ressaltaram a genealogia dos deuses, sendo isso muito importante (LACAN, 2010).

Rougemont (2003) lembra que tanto no *Banquete* e no discurso de Fedro¹, Platão fala de uma fúria que inicia no corpo até a alma a fim de perder a serenidade do espírito com temperamento maligno. De forma alguma é o amor que ele eleva.

¹ Aqui se trata de outra obra de Platão “Fedro”, especialmente na primeira parte, porque na segunda parte do diálogo Fedro fala de política.

Mas uma maneira de fúria, ou uma alucinação, que não se origina sem a intervenção de qualquer divindade, tampouco inicia na alma a partir de nós mesmos: é um pensamento totalmente estranho, um encontro que acontece externamente, um êxtase, tira a pessoa indefinidamente da razão e do sentido natural. Deve ser colocado, com todo o direito, de entusiasmo, que significa “endeusamento”, pois esse entusiasmo vem da divindade e leva a pessoa para Deus. Lembrando que na primeira parte do texto de Fedro, Platão fala do amor como paixão, isto é amor é paixão. Eis um trecho do discurso de Fedro no *Banquete*:

E quanto a abandonar o amado ou não socorrê-lo em perigo, ninguém há tão ruim que o próprio Amor não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso da natureza; e sem mais rodeios, o que disse Homero, ‘do ardor que alguns heróis inspiram o deus’, eis o que o amor dá aos amantes, como um dom emanado de si mesmo. E quanto a morrer por outro, só o consentem os que amam, não apenas os homens, mas também as mulheres (PLATÃO, 2003, p.10).

O amor em Platão, conhecido popularmente como “amor platônico”, é como se fosse um “delírio divino, arrebatamento da alma, perturbação e a mais solene razão”. Conseqüentemente, o amante está situado ao lado da pessoa amada, como se estivesse no céu, pois o amor é a essência que eleva por degraus do que é maravilhoso para o início de tudo o que existe distante dos corpos e da matéria, longe do que divide e distingue, para longe da infelicidade de ser o que se é e de ser dois no próprio amor (ibid., p. 80). Sob essa análise é interessante ressaltar que Eros é o desejo total elevado numa potência máxima e que os amantes são superiores ao seu amado.

O segundo comensal a falar é Pausânias² ele faz uma crítica do elogio a Eros, realizado por Fedro, pois para ele o deus Eros não é único, não existe a Afrodite sem Eros, no entanto existem duas: Uma Afrodite *celeste* e outra *vulgar*. Qualquer ato alcançado não é em si mesmo algo bom ou ruim. Mas para que toda ação seja boa deve estar pautada na justiça. O mesmo ocorre com o amor. Consentir com o Afrodite *Vulgar* é unir-se com a cobiça, à iniquidade e aos caprichos da matéria. Para acatar ao Afrodite *Celeste*, deve atuar conforme os preceitos da beleza celeste e da justiça. Ele diz em um trecho de seu discurso:

² Ao contrário do discurso de Fedro, que é um discurso de mitômano, no sentido próprio, um discurso sobre um mito, o de Pausânias é um discurso de sociólogo, ou melhor, pois isso seria exagerado, de observador da sociedade (Lacan, 2010, p. 75).

Não me parece bela, Fedro, a maneira como nos foi proposto o discurso, essa simples prescrição de um elogio do Amor. Se, com efeito, um fosse o amor, muito bem estaria; na realidade, porém, não é ele um só; e não sendo um só, é mais acertado primeiro dizer qual o que se deve elogiar (PLATÃO, 2003, p.12).

Desta forma existem também dois Eros: um *celeste* e outro *vulgar*, ambos são influenciados por Afrodite que no texto platônico ele descreve como duas deusas, uma mais velha que não tem mãe, filha de Urano que é considerada celeste. E a filha mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamada de Pandêmia³ ou vulgar. No próximo trecho da fala de Pausânias é possível destacar que neste tipo de amor de Afrodite Pandêmia é revelado num amor maior ao corpo do que a alma e sem preocupação em efetuar o ato sexual, não se atentando ao que é decente conforme o texto:

Ora, pois, o Amor de Afrodite Pandêmia é realmente popular e faz o que lhe ocorre; é a ele que os homens vulgares amam. E amam tais pessoas, primeiramente não menos as mulheres que os jovens, e depois o que neles amam é mais o corpo que a alma, e ainda dos mais desprovidos de inteligência, tendo em mira apenas o efetuar o ato, sem se preocupar se é decentemente ou não; daí resulta então que eles fazem o que lhes ocorre, tanto o que é bom como o seu contrário. Trata-se com efeito do amor proveniente da deusa que é mais jovem que a outra e que em sua geração participa da fêmea e do macho (PLATÃO, 2003, p.12).

Montoto (2012) destaca outro aspecto de Afrodite celeste, pois ela não compartilha do sexo feminino, o que deixa evidente sua afeição para os rapazes mais jovens. “Daí então é que se voltam ao que são masculinos, os inspirados deste amor, afeiçoando-se ao que é de natureza mais forte e que tem mais inteligência” (ibid., p. 12).

Outro aspecto importante no discurso de Pausânias é que em relação às questões amorosas ele retrata o tema da servidão ou sujeição do amante em relação ao amado. Ele descreve que existe um caminho possível em que o bem amado deve decentemente ser condescendente ao amante. E que isso não é uma adulação ou um ato censurável e sim uma servidão voluntária, e que sem censura esta servidão é tida como virtude. Aqui Pausânias desdobra uma ideia de que a pessoa ao amar a outra se põe a serviço desta, pois espera que será aperfeiçoado

³ Afrodite Pandêmia, Pandemos (do antigo grego Πάνδημος; "comum a todas as pessoas" - "venerada por todo o povo").

através dela (ibid., p. 19). Aqui ficam claros dois posicionamentos: o ativo, ou seja, o amante (*erastés*) e o passivo, o amado (*eromênos*). Logo adiante serão explanados tais temas que foram aprofundados por Lacan (2010) no *Seminário livro 8*. O amor relata Pausânias, não é único. É necessário saber qual deles é possível exaltar. Existem neste questionamento diferentes aspectos, entre o *enkómion*⁴ e o *épaïnos*⁵ devem ter a seguinte afirmação: o amor não é único. Faz-se diferença por sua procedência. Finalmente o discurso termina precipitadamente e tem a seguinte conclusão: o Amor Urânio, aqueles que não o alcançam, pois bem, devem recorrer à outra, a Vênus Pandêmia, a maior libertina, que também não o alcança. E conclui: “é essa, o Fedro, a contribuição, como de improviso, eu te apresento sobre o Amor” (PLATÃO, 2003, p. 16).

Erixímaco, o terceiro orador, culto nas artes médicas, deseja completar o discurso de Pausânias, dizendo que o deus Eros não vive apenas nas almas dos homens, mas nos demais seres, como os animais, nas plantas que nascem da terra, em toda a natureza. Para ele, a natureza orgânica contém dois Eros: doença e saúde, um amor é que habita no corpo são; o outro é o que reside no corpo doente. Semelhantemente a medicina, que busca a convivência entre os contrários, o amor deve buscar o equilíbrio entre as necessidades físicas e espirituais. Num dos trechos de seu discurso ele diz:

Com efeito, quanto a ser duplo o Amor, parece-me que foi uma bela distinção; que não está ele apenas nas almas dos homens, e para com os belos jovens, mas também nas outras partes, e para com muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais, nas plantas da terra e por assim dizer em todos os seres é o que creio ter constatado pela prática da medicina, a nossa arte; grande e admirável é o deus, e a tudo se estende ele, tanto na ordem das coisas humanas como entre as divinas. Ora, eu começarei pela medicina a minha fala, a fim de que também homenageemos a arte. A natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo Amor; o sadio e o mórbido são cada um reconhecidamente um estado diverso e dessemelhante, e o dessemelhante desejam e amam o dessemelhante. Um, portanto é o amor no que é sadio, e outro no que é mórbido (PLATÃO, 2003, p.16).

⁴ O encômio, do grego ‘enkómion’, criado por Simônides de Ceos, do século V a. C., era um canto entoado durante uma festividade e louvava o anfitrião. Atribuir-lhe o significado de elogio é pouco, já que era um canto coral. Assim, nesse mesmo estilo grego, tivemos a exaltação à vitória dos heróis na guerra e nos jogos olímpicos, formando uma antologia lírica em canto coral.

⁵ Épaïnos Do original grego *epainos*, significa: aprovação, recomendação, homenagem, louvor. *epainos*, não expressa somente louvor pelo que Deus faz por nós, mas também por quem Ele é reconhecendo sua glória.

Ao observar o trecho acima, Erixímaco deixa claro que o “contrário busca o contrário”, é um amor que reside num “corpo são” e um que reside num “corpo doente”. Erixímaco aponta para a ideia, de que homem é um microcosmo, ou seja, não que o homem seja único e resumido em si mesmo, mas que a natureza e o homem são uma mesma coisa. Neste aspecto não é possível conceber um homem que não seja pelo caminho da ordem e da harmonia dos elementos cósmicos. Assim para Lacan (2010), essa posição, não obstante tenha reduzido o homem ao sentido da biologia, ele se questiona se de alguma forma não teria deixado certos traços em nossos desígnios mentais.

Existem muitas teorias vigentes que conceituam que o amor tem relação com a biologia, e que as escolhas amorosas são pautadas nesta relação. Para elucidar esta questão, ao observar o discurso de Erixímaco é possível perceber que está reflexão está em voga. Afirmar que a relação amorosa se constitui através de “amar aquele de quem é parecido”, vai ao encontro da classificação atual sobre a biologia do amor. Pensando no mundo pós-moderno, em pleno século XXI, um dos discursos que adotam a importância da verdade é o discurso da ciência, logo é possível notar que atualmente para saber o que está por trás das escolhas amorosas é questionar a biologia do amor (MONTOTO, 2012). Essa ideia aponta para um conceito de que a ciência coloca o desejo do ser humano segundo a biologia, e este conceito está no cerne do mundo atual.

Aristófanes, o quarto orador, inicia seu discurso ressaltando o absoluto desconhecimento por parte dos homens a respeito do poder de Eros. A fim de conhecer esse poder, ele diz que é necessário antes de tudo conhecer a história da natureza humana e, dito isto, começa a descrever a teoria dos *andróginos*, que é o mito da integração primitiva e posterior mutilação. De acordo com Aristófanes, existiam antes de tudo três gêneros dos seres humanos, que eram duplos em si mesmo: havia o gênero masculino, feminino e o terceiro, comum a estes dois do qual foi chamado de *andrógino*.

No discurso de Aristófanes ele começa tratando da questão da natureza humana pelo mito do andrógino. Ele relata:

Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais, um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderiam supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançavam a uma rápida corrida, como os que cambalhotando e virando as pernas para cima fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculo. Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores. Era, por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses (PLATÃO, 2003, p. 20).

Após voltar-se contra os deuses, Zeus decidiu que iria cortá-los ao meio para eles andarem com suas próprias pernas, assim perderiam suas forças, além de aumentar o número, que seria vantajoso. E na medida em que os cortava Apolo virou suas cabeças, a fim de que pudesse contemplar eternamente sua parte decepada, uma grande lição de humildade. Apolo também curou suas feridas, deu forma ao seu tronco e moldou sua barriga o amarrando pelo umbigo, para que eles se lembrassem do que haviam sido um dia. Observa-se que por estarem afastados os *andróginos*, morriam de fome e desespero, se abraçavam e ficavam assim, e uma parte ficava à deriva, procurando a outra parte. Desta forma Zeus ficou com pena das criaturas, pois desta forma poderiam desaparecer. E assim teve outra ideia, virou as partes reprodutoras dos seres para frente, a fim de que pudessem gerar (MONTOTO, 2012). Aristófanés acrescenta:

(...) é assim que nossa raça se tornara feliz, se plenamente realizássemos o amor, e o seu próprio amado cada um encontrasse tornado à sua primitiva natureza. E se isso é o melhor, é forçoso que dos casos atuais o que mais se lhe avizinha é o melhor, e é este o conseguir um bem amado de natureza conforme ao seu gosto; e se disso fôssemos glorificar o deus responsável, merecidamente, glorificaríamos o Amor, que agora nos é de máxima utilidade, levando-nos ao que nos é familiar, e que para o futuro nos dá as maiores esperanças, se formos piedosos para com os deuses, de restabelecer-nos em nossa primitiva natureza e, depois de nos curar, fazer-nos bem aventurados e felizes (PLATÃO, 2003, p. 24).

Lacan (2010) ressalta que é excepcional, e espantoso escrito por Platão: a capacidade da pacificação amorosa em que se depara. Isto é, a intervenção nos órgãos genitais do sujeito. Fazendo menção ao complexo de castração, embora seja possível classificá-lo ou não, o desvio no texto ressalta a transformação dos genitais para frente do corpo. De nenhuma forma isso aparenta que o órgão surge ali como possibilidade de corte, ou como união com o objeto amado, porém que, de modo literal, ele aparece com este objeto, numa relação de quase superimposição. Este ponto é singular, pois além de trair ele se traduz a função do órgão genital. Ao saber da preocupação da tragédia por Platão – ele prova de mil maneiras que não iria mais longe que a de Sócrates, mas como não se inquietar com a passagem de que ali, exclusivamente, num discurso relativo a um tema tão grave, o do amor, ele coloque em pauta o órgão genital como tal? Este fato confirma o que Lacan trata de ser fundamental do mecanismo do cômico, que é sempre no fundo referência ao falo.

Agatão, o quinto orador, critica os seus antecessores, pois compreende que eles exaltaram Eros sem ao menos elucidar a sua natureza. Ele diz: “Ora, a única maneira correta de qualquer elogio a qualquer um é, nos discursos, explicar em virtude de que natureza vem a ser causa de tais efeitos aquele de quem se estiver falando”. Diz, ao contrário de Fedro, que Eros é um deus jovem: “Ora, ele é o mais belo por ser tal como se segue. Primeiramente, é o mais jovem dos deuses, ó Fedro” (ibid, p. 25). Em seguida passa a enumerar as suas virtudes, ou seja, prudência e o vigor desse deus. A respeito do discurso de Agatão, o poeta trágico, Lacan (2010) lembra que teria muito que falar sobre os detalhes de sua fala, até mesmo a uma história da tragédia, mas que o importante é notar o seu lugar na economia do *Banquete*. Como poeta, Agatão em seu discurso retoma a ideia de deus como um “deus jovem e mais feliz”, ele se afasta da velhice e se aproxima da juventude. A princípio as questões relacionadas aos deuses Hesíodo e Parmênides do que falava Fedro não é, portanto, o “amor” e sim a “necessidade”. Ele se afasta do que é rude e se aproxima do que é mais delicado. Outra propriedade de sua natureza é que o amor é úmido e moldável adaptando-se a cada alma. Ele se opõe a deformidade e se aproxima do que floresce, daí ele se assenta e se aquieta. Sob esse trecho de seu discurso, o ínfimo que se pode relatar é que Agatão deixou os leitores inquietos por sua admirável sofística, na definição atual, comum e pejorativo, do termo (LACAN, 2010, p. 138). O modelo dessa sofística aparece num dos trechos do seu discurso:

Sobre a beleza do deus já é isso bastante, e, no entanto ainda muita coisa resta; sobre a virtude de Amor devo depois disso falar, principalmente que Amor não comete nem sofre injustiça, nem de um deus ou contra um deus, nem de um homem ou contra um homem. À força, com efeito, nem ele cede, se algo cede – pois violência não toca em Amor – nem, quando age, pois todo homem de bom grado serve em tudo ao Amor, e que de bom grado reconhece uma parte a outra, dizem “as leis, rainhas da cidade”, é justo. Além da justiça, da máxima temperança ele compartilha (PLATÃO, 2003, p. 27).

Neste trecho fica claro que Agatão compreende o amor como justo, além da virtude da justiça ele é temperante, pois domina prazeres e desejos. Além disto, é corajoso, pois domina os deuses e está entre as leis da cidade. Sendo o amor mais potente de todos os desejos, o irresistível deleite, ele será misturado com a temperança, pois é a temperança que controla as volúpias e os desejos. Assim, o amor necessita, pois se identificar com o lugar da temperança (ibid, p. 138).

Agatão num dos trechos de seu discurso destaca que:

Assim é que me parece ó Fedro, que o Amor, primeiramente por ser em si mesmo o mais belo e o melhor, depois é que é para os outros a causa de outros tantos bens. Mas ocorre-me agora também em verso dizer alguma coisa, que é ele o que produz (...) paz entre os homens, e no mar bonança, repouso tranqüilo de ventos e sono na dor. (...) É ele que nos tira o sentimento de estranheza e nos enche de familiaridade, promovendo todas as reuniões deste tipo, para mutuamente nos encontrarmos, tornando-se nosso guia nas festas, nos coros, nos sacrifícios; incutindo brandura e excluindo rudeza; pródigo de bem-querer e incapaz de mau-querer; propício e bom; contemplado pelos sábios e admirado pelos deuses; invejado pelos desafortunados e conquistado pelos afortunados, do luxo, do requinte, do brilho, das graças, do ardor e da paixão, pai; diligente com o que é bom e negligente com o que é mau; no labor, no temor, no ardor da paixão, no teor da expressão, piloto e combatente, protetor e salvador, supremo adorno de todos os deuses, guia belíssimo e excelente, que todo homem deve seguir, celebrando-o em belos hinos, e compartilhando do canto ele encanta o pensamento de todos os deuses e homens (PLATÃO, 2003, p. 28).

A partir deste momento, Agatão se lança, literalmente, e traz a concepção do amor como sendo aquilo que desembaraça e libera o homem da crença de que exista uma estranheza entre si. Facilmente, quando o sujeito está possuído pelo amor, é compreensível de que todos fazem parte de uma grande família, e que de fato está aconchegado e em casa (ibid., p. 140). Os discursos vão chegando ao *grand finale*. Sendo que o próximo discurso é de Sócrates, considerado o mais importante orador entre os presentes.

Chega o momento do discurso de Sócrates, o sexto orador a fazer sua preleção, um dos mais importantes e que Platão lhe dá maior destaque.

Considerado pelos demais convidados a pessoa mais importante dos oradores presentes, Sócrates sustenta que o amor estabelece relação íntima com o desejo, o amor, para ele, resume na tendência que vem de um desejo. Portanto, o amor torna necessário que quando se ama, é desejado (FLORIANO, 2015). Sócrates afirma que o amor é algo desejado, mas este objeto do amor só pode ser desejado quando lhe falta e não quando possui, pois ninguém deseja aquilo de que não precisa mais. O "objeto" do amor sempre está ausente, mas sempre é solicitado. A verdade é algo que está sempre mais além, sempre que pensamos tê-la atingido, ela escapa entre os dedos. No começo do discurso de Sócrates, ocorre certo desconforto entre ele e Agatão, e assim intercala-se uma espécie de entreato. Depois do discurso de Agatão, Sócrates diz algo como: - “Porventura, ó filho de Acúnemo, parece-te que não tem nada de temível o temor que há muito sinto, e que não foi profético o que há pouco eu dizia, que Agatão falaria maravilhosamente, enquanto que eu me havia de embarçar?” (PLATÃO, 2003, p. 28). Logo inicia uma discussão entre Sócrates e Agatão, na qual Sócrates começa interrogando-o, eis alguns trechos de tal debate, disse então Sócrates:

 Não é isso então amar o que ainda não está à mão nem se tem, o querer que, para o futuro, seja isso que se tem conservado consegue e presente?
 - Perfeitamente – disse Agatão.
 - Esse então, como qualquer outro que deseja, deseja o que não está à mão nem consigo o que não tem o que não é ele próprio e o de que é carente; tais são mais ou menos as coisas de que há desejo e amor, não é?
 - Perfeitamente – disse Agatão.
 - Vamos então, continuou Sócrates, recapitulemos o que foi dito. Não é certo que é o amor, primeiro de certas coisas, e depois, daquelas de que ele tem precisão?
 - Sim – disse o outro.
 - Depois disso então, lembra-te de que é em teu discurso disseste ser o Amor; se preferes, eu te lembrarei. Creio, com efeito, que foi mais ou menos assim que disseste que aos deuses foram arranjadas suas questões através do amor do que é belo, pois do que é feio não havia amor (PLATÃO, 2003, p. 32).

Mais para frente em outro trecho, Sócrates questiona Agatão:

Se, portanto o Amor é carente do que é belo, e o que é bom é belo, também do que é bom seria ele carente. (...)E a ti deixarei agora; mas o discurso que sobre o Amor eu ouvi um dia, de uma mulher de Mantinéia, Diotima, que nesse assunto era entendida e em muito outros – foi ela que uma vez, porque os atenienses ofereceram sacrifícios para conjurar a peste, fez por dez anos recuar a doença, e era ela que me instruía nas questões de amor – o discurso então que me fez aquela mulher eu tentarei repetir-vos, a partir do que foi admitido por mim e por Agatão, com meus próprios recursos e como eu puder. É de fato preciso, Agatão, como tu indicaste primeiro discorrer sobre o próprio Amor, quem é ele e qual a sua natureza e depois sobre as suas obras. Parece-me então que o mais fácil é proceder como outrora a estrangeira, que discorria interrogando-me, pois também eu quase que lhe diziam outras tantas coisas tais quais agora e diz Agatão, que era o Amor um grande deus, e era do que é belo; e ela me refutava, exatamente com estas palavras, com que eu estou refutando a este, que nem era belo segundo minha palavra, nem bom (ibid., p. 33).

Lacan (2010) observa que Sócrates profere ao falar em seu próprio nome, que a fala de Agatão, o poeta trágico, não tem valor. Ressalta que é para resguardar Agatão que ele se faz substituir, se é possível dizer assim, por Diotima, e traz a teoria sobre o amor pela boca desta. Existe uma razão explanando os motivos por quais Sócrates se prende e toma a interpretação daquela que dará continuidade na história como uma peça importante: Diotima a estrangeira de Mantinéia⁶. Se ele utiliza a Diotima para assim falar através dela, seria para não continuar no lugar de professor perante aquele em que deu o golpe de compaixão. Faz-se substituído por um personagem imaginário que traz pra ele mesmo, Sócrates, a fim de ajeitar a desarmonia que conferiu a Agatão.

Em seguida Sócrates coloca em prática uma condição de parecer, de conciliação do nível em que as coisas devem ser adotadas, e por fim no que se trata ao que dizem os demais, Sócrates não coloca o amor em lugar tão nobre. O que ele fala, tem a ver, antes e tudo, em ajustar as coisas, assentar as luzes de maneira que se veja, de modo preciso, essa altura, que é mediana. Para Lacan se Sócrates quer comunicar algo, é que de certo modo o amor não é coisa divina. De nenhuma forma ele eleva o amor, porém é isso que ele ama. Ele somente ama mesmo isso. Desta forma, o amor em todo o tempo tem em seu poder um objeto para o qual retorna. Não obstante, como ressalta esse personagem, este objeto do amor só pode ser desejado no momento que existe uma falta e não no momento que o possui. O amor

⁶ A respeito desta mulher, Diotima, Lacan (2010, p. 156) ressalta que “a estrangeira de Mantineia” nos é apresentada como um personagem de sacerdotisa, de maga. (...) Diotima é uma sábia nessas matérias de feitiçaria, de mântica, como diria o conde de Cabanis, de toda *goeteia*. (...) É preciso confessar que esta familiaridade com os poderes da peste é de natureza a nos fazer refletir, e a situar a estatura e o percurso da figura de uma pessoa que nos vai falar de amor.

é “falta”, visto que ninguém deseja aquilo que já tem. Sócrates, em sua fala, afirma que o que se ama é apenas aquilo que não se tem. Ele diz que se alguma pessoa ama a si mesmo, ama o que não é. O objeto do amor sempre está ausente, mas toda vez é procurado. Sócrates coloca como exemplo, a verdade. Para ele, o desejo pela verdade, está na busca da filosofia, revela que ela se mostra como uma falta e que, deste modo, deve ser sempre procurada (FLORIANO, 2015). Lacan afirma isso quando diz: “O milagre do amor é realizado nele na medida em que ele se torna o desejante” (LACAN, 2010, p. 201). O próprio Lacan (2010) trás a ideia e a considera como sua invenção, ao tratar o amor como “dar o que não tem”. Ele ressalta que *dar o que não se tem* está presente no texto do *Banquete*. Diotima conceitua a definição do amor, pois introduz do amor ao belo. O belo aponta o rumo em que se experimenta a atração através da posse, ao gozo de possuir, à composição de um *ktèma*⁷.

Voltando ao discurso de Diotima, Blomm (1993 apud Costa, 1998, p. 37) ressalta que Sócrates expõe outra face de Eros que não se parece de nenhuma forma com o amor romântico. Neste caso o amor revela-se como uma refutação do humano ao admitir que o verdadeiro Bem e a verdadeira Beleza, estes sim, são valores duradouros aos quais os seres humanos sensatos devem pretender. O “Eros inteligível” é por esta razão colocada na escala mais baixa da “escada do amor”, como é de costume denominar a ideia platônica do ideal amoroso. O verdadeiro amor está destinado à retenção do que é duradouro, mesmo no objeto, mas também no sujeito e, na metafísica platônica, de nenhuma forma se trata de confundir o que é permanente com o pouco valor da atração sensual, muito menos com o acometimento político na cidade.

A função da falta é um tema importante no discurso de Sócrates, assim com a interrogação socrática, com o que se pronuncia como sendo o conhecido método de Sócrates, no qual, se estabelece este jogo de palavras em grego, o *érôménos*, o amado, vai se tornar o *erôtôménos*, o interrogado. No próximo discurso de Alcibíades o referido tema será aprofundado. O que é essencial na fala de Agatão é que ao descrever o que o belo pertence ao amor, e que é um de seus predicados, cede perante a interrogação de Sócrates: “Este amor de que falas, é ou não amor é

⁷ Ktèma locução grega que significa “um tesouro, um bem para sempre, uma aquisição definitiva”.

amor de alguma coisa? Amar e desejar alguma coisa é tê-la ou não tê-la? Pode-se desejar o que já se tem?” (LACAN, 2010, p. 148).

Alcibíades, o sétimo comensal a se apresentar, ele precipita-se pelo banquete já embriagado no meio da preleção, que nesta noite faziam sobre Eros. Alcibíades surpreende-se ao ver Sócrates e começa a questioná-lo. E Sócrates por outro lado, pede a Agatão que o defenda de Alcibíades. Sócrates se vê atordoado com as investidas amorosas do mesmo. Diz que Alcibíades sente uma paixão amorosa cheia de fúria. Alcibíades sente-se desafiado pelos demais comensais, o mesmo inicia então um elogio a Sócrates. Exalta as qualidades de Sócrates o comparando a *silenos*⁸ e *sátiros*⁹. Também conta uma história de sua juventude que tentou seduzir Sócrates com sua beleza a fim de ouvir tudo o que ele sabia. E imaginava que neste encontro seria tratado em segredo por Sócrates como um amante que trataria o bem amado. No final do diálogo, Sócrates e Alcibíades permanecem distantes e Sócrates conclui dizendo:

Tu me pareces, ó Alcibíades, estar em teu domínio. Pois de outro modo não te porias, assim tão destramente fazendo rodeios, a dissimular o motivo por que falaste; como que falando acessoriamente tu o deixaste para o fim, como se tudo o que disseste não tivesse sido em vista disso, de me indispor com Agatão, na ideia de que eu devo amar-te e a nenhum outro?(...) esse teu drama de sátiros e de silenos ficou transparente (PLATÃO, 2003, p. 57).

Nesta cena apresentada por Alcibíades em seu discurso direcionado a Sócrates, fica claro que Sócrates ao responder Alcibíades dá uma conotação de interpretação da fala do mesmo. O que Lacan elucida em seu texto sobre esta conversa entre ambos. Para o autor fica claro que neste diálogo, Sócrates responde para Alcibíades, com características de uma interpretação. Ainda retoca essa relação de ambos de que existe, portanto, *agalmata* (*ágalma*) em Sócrates, desta forma provocando o amor de Alcibíades (LACAN, 2010). *Ágalma* eram estatuetas ocas que tinham a possibilidade de guardar objetos valiosos dentro. Essa metáfora, de uma estátua, ou uma figura que tem beleza estética, mas que dentro guarda uma

⁸ Sileno (em grego antigo: Σειληνός, transl. *Seilēnós*; em latim: *Silenus*) era, na mitologia grega (e posteriormente na mitologia romana), um dos seguidores de Dioniso, seu professor e companheiro fiel. Notório consumidor de vinho, era representado como estando quase sempre bêbado e tendo de ser amparado por sátiros ou carregado por um burro. Sileno era descrito como o mais velho, o mais sábio e o mais beberrão dos seguidores de Dioniso, e era descrito como tutor do jovem deus nos hinos órficos.

⁹ Sátiro (em grego, Σάτυρος — *Sátyros*), na mitologia grega, era um ser da natureza com o corpo metade humano e metade bode. Equivale ao fauno da mitologia romana.

jóia, Lacan a usa para trabalhar o conceito de amor. O imaginário tem a ver com o exterior da estátua que permite sentir que há algo em seu interior desconhecido (o objeto *a*¹⁰, portanto, causa do desejo). O amante sabe que lhe falta algo. O amado sabe que tem alguma coisa que o faz ser amado, mas que desconhece o que ele tem. O amante é o *érastés*, o mestre que se apaixona pelo jovem que ocupa o lugar de amado, sem saber o que ele tem que o faz atrativo ao outro.

Em relação ao amor, é conhecido através da psicanálise, que ele apodera-se de dois lugares: o primeiro, o sujeito do desejo e da falta, que se apresenta como amante *érastés* e em segundo lugar, o objeto de desejo, que é a pessoa amada, *érôménos*. A pessoa do amante é aquela acerca de que existe um conhecimento de que falta alguma coisa, mesmo sem saber o que é esta falta. Por outro lado, a pessoa amada é aquela que tem conhecimento que possui algo que a faz especial, pois existe uma pessoa que a deseja. Tal incerteza do amor, no qual o que falta ao amante é precisamente o que o amado não tem (VANHAZEBROUCK, 2011).

Para Lacan (2010) essa seria a metáfora do amor, na proporção na qual Sócrates reconheceria como amado e, disse mais, se reconhecer como ama, inconscientemente. Porém é exatamente o motivo que Sócrates sabe que ele não admitiu, sob qualquer razão, justificado ou injustificável, *érôménos*, o desejável, a pessoa que é digna de ser amada. Ainda conforme Lacan (2010, p. 197) ele se pergunta no texto, o que faz com que Sócrates não ame? O que faz com que a metáfora do amor gerir? Que não exista substituição do *érôménos* pelo *érastés*? De modo que não se manifeste como *érastés*? No espaço onde havia o *érôménos*? Na verdade Sócrates recusa a isso porque, para ele, não existe nada que seja amável nele. O seu ser é este, esse vazio, e para nomear um termo que serviu logo depois na meditação neoplatônica e agostiniana, essas *Kénôsis*¹¹, que revela a condição central de Sócrates.

Logo que Alcibiades faz sua declaração de amor a Sócrates ele quer maiores explicações a respeito de tudo que tinha falado sobre o amor que sente pelo mesmo. Nesta relação Alcibiades é o homem de desejo. Lacan explana essa relação quando

¹⁰ Na teoria psicanalítica de Jacques Lacan, *objet petit a* (*objeto a* ou *objeto pequeno a*) representa o objeto de desejo inatingível. Às vezes é chamado o objeto causa do desejo. Lacan sempre insistiu que o termo deve permanecer não traduzido “adquirindo assim o status de um sinal algebrico” In. Escritos (1998, p. 97).

¹¹ *Kénôsis* (*ke/nwse* - *ekénose*, *ekenōsen*) é um conceito na teologia cristã que trata do *esvaziamento* da vontade própria de uma pessoa e a aceitação do desejo divino de Deus. É encontrado no novo testamento como o esvaziamento de Jesus.

diz que a atitude de Alcibíades é sublime, pois Sócrates entende esse desejo como cobiça, e para Alcibíades tanto faz se é para o bem ou para o mal, o que ele sente em relação a Sócrates é assa *ágalma*. Mas então porque Alcibíades ainda quer ser amado, o milagre do amor é realizado nele na medida em que se e torna o desejante. Porque ele é Alcibíades, aquele cujos desejos não conhecem os limites; quando se engaja no campo referencial, que é para ele o campo do amor, demonstra aí um caso notável de ausência de temor da castração (ibid., p. 201).

O *Banquete* é uma obra considerada complexa, pois de todos os discursos, o que aparece é a concepção a respeito do amor. Lacan se utiliza deste texto para compreender as questões ligadas ao sujeito, e neste discurso de Alcibíades ele deixa claro que o amor que ele expressa a Sócrates, é um amor sem limites, tanto para o bem quanto para o mal, neste caso demonstra uma falta de temor da castração, conceito este explanado por Freud, como saída do complexo de Édipo¹². Dentre de todo o enredamento da obra *O banquete*, pode-se destacar que ela constitui uma espécie de concerto nas quais diversas vozes, expressas por meio dos discursos que são feitos na ocasião, se alternam para exprimir suas concepções acerca do amor. Então o que se vê nessa trama literária é a aparição de diversos discursos que têm o amor como objeto. Para Platão, o amor é aquilo que tem o cordão de ligar todas as coisas consigo mesmas, o amor seria o amálgama do ser, o laço que dá coerência e sustentação ao ser (FLORIANO, 2015).

Como destacado acima, a obra *O Banquete* é repleta de grande complexidade, especialmente por estar inserida no centro da filosofia platônica, esta obra é considerada o texto de maturidade de Platão. Pois estão dispostos nela ideias a respeito da metafísica e da ética. Contudo, o peso que tem a teoria filosófica platônica que está presente na obra *O Banquete*, para o fim desta parte do trabalho tem a finalidade que chamar a atenção para os discursos que são feito a cerca do deus Eros, que para os gregos, representa o amor ou é a personificação do amor. Lacan (2010) retrata de forma poética o diálogo de Platão, o colocando num lugar não somente histórico, mas também na origem, não apenas do que pode nomear uma interpretação do amor em nossa época cultural, mas de um progresso deste

¹² O complexo de Édipo é uma das formas de escrever o papel dessas duas funções na constituição do sujeito. Principal eixo da psicopatologia freudiana, o complexo de Édipo designa o conjunto das relações que a criança estabelece com as figuras parentais que, segundo Freud, determina os caminhos da organização da sexualidade, desde o aparecimento das primeiras manifestações sexuais infantis, até a fase da latência (FARIA, 2017, p. 24).

exercício, que é, em resumo, a mais drástica, mais difícil de compreender, a mais misteriosa das relações entre as pessoas.

Para Lacan (2010) pensar em amor é pensar em transferência, desta maneira se dedicou aos estudos sobre *O Banquete*, pois é nesta obra que se fala de amor, e lá encontrou um exemplo precioso para embasar seus estudos a respeito da transferência. O significado de transferência no vocabulário psicanalítico, em resumo, é a repetição de forma sistemática. Segundo Laplanche e Pontalis (1992), a transferência pode ser definida como “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. É a transferência no tratamento que os psicanalistas chamam a maior parte das vezes transferência, sem qualquer outro qualitativo. A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de uma tratamento psicanalítico, pois são sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 514).

Lacan (2010) se dá conta dos detalhes da variação de espaço do *Banquete*, no qual se aborda o amor. A manifestação da transferência é ela própria situada em posição de suporte da ação da fala. Consequentemente, da mesma forma no qual é descoberta a transferência, descobre-se o que se fala se mantém, como se mantém até que se dessem conta, é razão para declarar que existe a transferência (...) para ele em resumo a transferência pode ser interpretada, no entanto ela tem seus próprios limites. O desejo de Sócrates, como fica evidente em suas asserções, não é somente levar seus interlocutores ao *gnothi seauton*¹³, o que é interpretado ao mais derradeiro, numa outra transcrição, pois toma posse de sua alma, portanto deve ser levado em consideração, Lacan diz:

Por um lado, com efeito, e vou explicar a vocês através de que mecanismo, Sócrates é um daqueles a quem devemos o ter uma alma – quero dizer, o ter dado consistência a certo ponto designado pela interrogação socrática, com aquilo que ela engendra de transferência (LACAN, 2010, p.225).

¹³ Gnothi seauton. Do grego, "conhece-te a ti mesmo"; em latim, *nosce te ipsum*. Dístico colocado na entrada do Templo do Apolo de Delfos, na Grécia antiga. É o principal mandamento da nossa existência. É a pedra angular da filosofia de Sócrates.

No *seminário livro 20: mais, ainda*, Lacan (2008) descreve que a mola do nascimento do amor está em sua raiz e sua essência no desejo do Outro. Pensando que o amor é aquilo que atravessa o objeto rumo ao qual a mão está estendida através do próprio desejo e que, na ocasião na qual o desejo faz surgir seu incêndio, fica claro, por um momento, essa resposta que estende a mão juntamente com o desejo. Na proporção que não se tem conhecimento do que Sócrates deseja e que é o desejo do Outro, é neste compasso que Alcibiades é possuído, pelo quê? – É possuído então pelo amor no qual pode ser dito que é apenas o merecimento de Sócrates é escolhido como amor de transferência, e reenviar ao seu verdadeiro desejo (LACAN, 2010).

Costa (1998) menciona em outro trabalho (1995) a seguinte questão, o resumo nos discursos que são mencionados no *Banquete*, o amor é expresso num lugar que é direcionado ao outro, pode ser mulher ou homem, pessoas do mesmo sexo, considerando as diferenças sexuais da atualidade. Para o autor o amor é semelhante a uma união afetiva formada de desejo; de falta de objeto do desejo; da saudosa ontológica do objeto ideal perdido; da paciência que a pessoa tem devido à perda ou da falta deste objeto; da felicidade enérgica, quando a pessoa tem em seu poder o objeto etc. Vista por este ângulo, a erótica platônica, sem dúvida revela subsídios que se parecem com a ideia do amor romântico atual.

Diante de tais considerações tratadas aqui sobre o “amor” no *Banquete* de Platão e o embasamento que Lacan traz desta obra a fim de falar sobre o tema da transferência, será fundamental para compreensão do amor de Eros no mundo moderno, o início de sua trama e por onde ele anda na modernidade.

2.2 Amor na cultura

2.2.1 Amor cortês

Escrever sobre o amor não é tarefa simples, alguns teóricos se queixam de que existe pouco aprofundamento sobre o tema, contudo pensar sobre o amor na modernidade é compreender que a forma de amar foi mudando ao longo do tempo,

pois se trata de uma construção social, em cada época sua manifestação se apresenta com diferentes configurações. Por outro lado a psicanálise estuda o amor sendo constituinte da psique humana surgido nas primeiras relações parentais. E para pensar sobre o amor e suas diversas formas é necessário fazer um breve levantamento histórico e conceitual, das transformações que este recebeu no decorrer da história. O amor cortês surgiu no século XII, sendo a primeira manifestação de um amor recíproco. Com ele veio o amor romântico, que durante muitos anos não fez parte do matrimônio (LINS, 2017).

De acordo com Rougemont (2003) este tipo de amor nasceu da poesia dos trovadores do século XII. Exatamente entre, os séculos XI e XII, a poesia vem de diversos lugares, como Espanha, Portugal, Alemanha, etc., especialmente uma poesia do *Languedoc*, isto quer dizer que só podia ser dita por um trovador, que era obrigado a aprender essa língua provençal. A poesia dos trovadores não deixa de ser um louvor ao amor infeliz. Pois em toda lírica de Petrarca e Dante existe apenas o tema do amor; mas não um amor feliz, pleno e satisfeito e sim um amor que é continuamente insatisfeito; existem apenas dois personagens nesta situação: o poeta, que por várias vezes reproduz a sua lamúria e uma linda mulher que sempre diz não. Interessante pensar que essa ideia do “amor cortês” ainda é vigente nos tempos atuais, pois é possível ver nos filmes românticos ou telenovelas, que os pares românticos sempre sofrem por amor, e que a própria trilha sonora desses é embasada com um louvor a este tipo de sofrimento (ROUGEMONT, 2003).

O amor cortês surgido então no século XII é caracterizado, principalmente, por idealizar a pessoa amada elevando-a a um plano divino e também pela busca de um ideal de cortesia. Havia ainda, no amor cortês, um jogo amoroso, num momento que um homem jovem começa a cortejar uma dama, isto é, uma mulher casada, que despertava a fúria do esposo e eleva a auto-estima da dama. Contudo existem alguns acontecimentos que esclarecem as questões relacionadas ao amor cortês, e que são motivos dele ser tão importante para o Ocidente Moderno, e para o comportamento religioso e moral.

Lima et al. (2014) lembra que Ferreira (2004) traz como a principal característica do amor cortês o modelo de amor que não pode ser correspondido, neste caso a dama é o objeto de amor e exprime que é impossível alguém se aproximar. Os poetas cantavam canções de amor e sempre estavam a mercê da amada, sofrendo com desejo de morrer por este amor. O vínculo entre a amada e o

amante era escondido e assinalado pela simplicidade, fidelidade e a identidade não era descoberta.

Para elucidar essa ideia do amor cortês Lacan (2008) no *Seminário livro 7: a ética da psicanálise*, relata que a mulher idealizada, a Dama, que ao mesmo tempo está na posição de objeto mas também do Outro, repentinamente e de forma bruta, coloca de forma sabia e organizada por significantes apurados, em estado cru, acaba revelando o valor de algo que por si só se desvenda, o que vai ao encontro no ponto central de si mesma em seu vazio pungente. Ele afirma que tal coisa tem relação com a sublimação, e que é de alguma forma está descoberta com uma força obstinada e atroz. Ele retrata que a principal característica do amor cortês é o “amor infeliz”, essa expressão que foi dada na Alemanha no começo do século XIX, sendo de grande importância para a filosofia das escolas medievais (escolásticas) ou filosofia ensinada nos seminários católicos. Alguns nomes são definidos para valorizar a Dama, e que na ocasião foram expostos por conjunto de regras que eram moderados entre os pares desse cerimonial singular – de bondade, recompensa, graça - *Gnade* – felicidade (ibid., p. 178). As regras contidas no amor cortês relatam uma inibição da sexualidade e a construção de uma visão da mulher como um enigma, pois parecia inacessível e indecifrável.

Sendo assim o amor cortês tinha como característica peculiar o segredo. A dama era idealizada por jovens cavalheiros, tais jovens desejam possuir as damas. Lacan (2008) faz uma analogia com a poesia árabe, que traz alguns equívocos, dentre eles é que o objeto não é apresentado sem uma pessoa sendo intermediária, essa pessoa é chamada de *Senhal*. Na poesia árabe se encontra o mesmo rito sempre surpreendendo seus espectadores, pelo modo extraordinário. Por exemplo, Guilherme de Poitiers que em seus poemas chama o objeto de lamentos pelo nome de *Bon Vezi* que significa Bom Vizinho. Os próprios historiadores compreenderam que este termo era usado para significação de uma Dama, pois a mesma desempenhou um papel importante, pois era tida como uma mulher firme, e que tinha terras próximas as de Guilherme.

Parece que neste momento a mulher teria um espaço para a verdadeira valorização, porém não é isso que apresenta a literatura, pois este comportamento na época não garantiu que a mulher tivesse esse lugar. O amor cortês surgiu numa época em que nada apontava historicamente que a mulher teria uma promoção ou até uma liberação. De acordo com todos os historiadores o amor cortês era em

resumo uma lição poética, um modo de brincar com alguns assuntos da convenção, que eram idealizados, e que não tinham condições de terem uma correspondência concreta e nem real. Contudo, tais ideais, que colocam a Dama em primeiro plano, são encontradas em épocas posteriores até os dias de hoje. Tal incidência é muito real no arranjo afetivo do homem moderno, e aí eternizam sua caminhada (ibid., p.180).

Lacan (2008) conceitua a ideia da “função do espelho”¹⁴, que introduz como exemplo da estrutura imaginária, que qualifica na relação narcísica. Lacan ressalta que o engrandecimento do ideal que é de modo expressivo aludido na ideologia do amor cortês, que é de caráter intimamente narcísico.

É um espelho para além do qual é apenas por acidente que se projeta o ideal do sujeito. O espelho, num dado momento, pode implicar os mecanismos do narcisismo e, nomeadamente, a diminuição destrutiva, agressiva, que reencontraremos em seguida. Mas ele desempenha outro papel – um papel de limite. Ele é aquilo que não se pode transpor. E a organização da inacessibilidade do objeto é justamente a única coisa da qual ele participa. Mas ele não é o único que participa disso (LACAN, 2008, p. 183).

Existem várias razões que compõem tais conjecturas, os dados fundamentais que orientam o amor cortês. Um dos exemplos, é que o objeto não está totalmente inacessível, ele está afastado daquele que se faz uso para atingi-lo por todos os meios de força que causa danos que a linda linguagem provençal acredita, entre outras denominações, de *lauzengiers* São os que falam mal dos outros e os ciumentos. No amor cortês existem algumas etapas propostas que são bem misteriosas, eram chamadas de *dom de misericórdia*, que se unem com as ideias de Freud em seu *Três ensaios* como sendo da ordem dos prazeres preliminares. A ideia oposta é que, no cenário do princípio do prazer, com o resultado do *Vorlust*, dos prazeres preliminares, é justamente que eles continuam na união em direção ao princípio do prazer. É na extensão em que se tolera a emoção afável de desejar, isto é, o deleite de experimentar um desprazer, que é plausível aludir que a consagração sexual dos estados preliminares do enlaço do amor (ibid., p. 183-185).

Por outro lado o amor cortês também contém uma projeção narcísica. Neste tipo de amor o objeto de amor é idealizado, igualmente como o amor. Essas duas faces imaginárias do amor-paixão perpetuam a ilusão de que os sexos de complementam. Mas o próprio Lacan confessa uma proporção simbólica no amor

¹⁴ O conceito “função do espelho” será retomado mais para frente.

cortês, pois coloca a falta no ponto central da prática amorosa (LIMA et al., 2014). É possível notar que este conceito do amor cortês, exposto por Lacan, perpetua até os dias atuais, pois ao idealizar a pessoa amada, permanece uma ideia de completude que está presente no ideal do amor romântico.

Já em *O Seminário, livro 4 : a relação do objeto*, Lacan (1995) ao mencionar sobre uma jovem homossexual faz descrição sobre o aparecimento do amor cortês no início da pré adolescência. De acordo com o autor, no período da puberdade, em torno dos treze ou quatorze anos, a jovem menina valoriza um objeto que é uma criança de quem cuida e está ligada por laços de afeto. Ela demonstra assim, para que todos vejam individualmente bem encaminhados no significado por eles aguardado, isto é com a habilidade característica da mulher, isto é, a da maternidade. Porém, inesperadamente, acontece uma mudança de posição, que a conduz a empenhar-se por objetos de amor assinalado pelo símbolo da feminilidade. Pode-se dizer que são mulheres neomaternizantes, isto é, mulheres maternais. Essa menina, por fim, será levada a uma paixão totalmente avassaladora para essa mulher que é denominada *a dama*, e não é por menos. Essa tal *dama*, vai tratá-la como um jeito bem elaborado numa relação de cavalheirismo com características masculinas, com uma paixão proporcionada sem alguma exigência, desejo, e sem nenhuma expectativa de retorno, com uma impressão de um dom, o amante estendendo aquém de toda sorte de manifestação da amada. Finalmente, é encontrada neste tipo de relação uma das características mais importante de cultivo da relação amorosa (ibid., p. 123).

Desta forma, Lacan faz a descrição do amor cortês com um amor platônico, pois é um amor que procura satisfazer unicamente à dama. É considerado como um amor sagrado. Em resumo, ele coloca a relação da jovem com a dama num grau elevado da relação amorosa simbolizada, disposta como um ato de servir, como uma organização, como conjunto de qualidades. A “não satisfação” é uma característica imprescindível do amor cortês, não é simplesmente uma atração ou uma necessidade é um amor que dispensa a satisfação. E é nesta ordem que o amor ideal é capaz de aumentar: o preceito da falta na relação com o objeto (ibid., p. 109). Lacan estabelece neste sentido que a “falta” está no centro da experiência amorosa, o amor ideal se amplia devido à inauguração da falta na relação com o objeto.

O amor que uma jovem destina à dama aponta para um amor casto e unicamente na posição do devotamento e que induz o sujeito ao grau máximo do apego e sua destruição na *sexualüberschätzung*, Freud propõe designar ao fato da experiência masculina. Na relação cultural organizada e institucionalizada o amor vai mais longe. A imagem da desilusão básica nessa altura, seu caminho ao nível do amor cortês, o que aparece como possibilidade de saída nesse fato amoroso, deposita o ponto de saber o que é, na mulher, amada para além dela mesma, e isso coloca em razão o que é sinceramente essencial em tudo o que está relacionado com o amor na sua efetivação. Voltando a questão da “falta” ela é uma característica importante no âmago da experiência amorosa. O que é precisamente desejado nesta mulher amada é exatamente o que lhe falta. Esta falta é justamente é o que esse objeto originário que é igual ao sujeito, o substituto imaginário, iria se deparar na criança, em que ele regressa. No limite do amor, aquele que é idealizado e buscado na mulher é o que ela tem como falta. Mas para além dela, é procurado o objeto central de toda e economia libidinal isto quer dizer: o falo (ibid., p. 111).

Como visto no amor cortês, o objeto amado aparece debaixo de uma abstenção, pois é na falta que é inscrito a relação do sujeito com o objeto. A Dama se apresenta para o amante como um signo do objeto de desejo, isto é, o falo. Desta forma, ao apoderar-se do objeto, toma sua própria falta (LIMA et al., 2014).

Fica claro através destas ideias que no amor cortês o desejo é insatisfeito. Costa (1998) levanta questões a respeito do amor cortês que foi estudado e analisado por Denis de Rougemont (2003), e coloca em evidência o aspecto de “desejo insatisfeito” igual à mística cristã. Sendo assim o amor cortes é o antecessor do amor-paixão romântico, em sua aparência de louvor ao sofrimento. Kristeva (1988, p. 190 apud Costa, 1998, p.39) cita que o conhecimento do sofrimento como sendo de essência “masoquista” e intrínseca ao amor cortês. A alusão à psicanálise, em ambos os autores, é visível. Ainda que a natureza do masoquismo seja discutível em sua procedência à sexologia oitocentista, mais relevante é deixar em destaque o fenômeno do amor cortês: a) o vínculo do sofrimento com o amor-paixão; b) a laicização do objeto do amor. Em relação aos tipos de amor que o termo amor cortês faz menção é o: “amor-abandono”, o “amor cortês” propriamente dito e a “serventia do amor”.

Já no “amor cortês” propriamente dito e na “serventia de amor”, o que existe é a sublimação do amor carnal, que não tem nada a ver com a ideia do “amor infeliz”.

Na verdade, Costa (1998) lembra a conversa de Lot-Borodine (1979) com Rougemont (2003) tem como objetivo a interpretação do efeito sentimental de um assunto aceito por ambos, que é a “renúncia à posse do objeto de desejo”. No *ethos* do amor cortês, a verdadeira felicidade se dá a partir da admissão da própria renúncia, e o que se questiona é se isso é possível sem sofrimento. Um aspecto importante e fundamental na sociedade do amor cortês é a laicização do objeto ideal do amor. A figura da Dama, da Senhora, passa a tomar o lugar de Deus como objeto de desejo. Sendo assim tornar o amor mundano e a revalorização do modelo da mulher foram responsáveis pelo extraordinário aumento do vocabulário sentimental. O empenho masoquista ou sublimatório forçava os adeptos do amor de cortesia a falarem de suas experiências emocionais numa nova narrativa, repleto de metáfora que se entrelaçavam, formando um afresco de teor emocional sem limites em relação às culturas que se antecederam. O amor cortês separou a ideia de amor, não apenas do Supremo Bem, mas também da união conjugal, e dispôs de circunstâncias culturais que revolucionaram o amor-paixão romântico séculos à frente. Ao lado das ideias cristãs as mudanças amorosas das sociedades do amor cortês têm influência no começo e valores de imagens que deram alguns clichês do romantismo amoroso no final de século XVIII e no começo do século XIX (COSTA, 1998).

No texto “a mística cristã” e o “amor cortês” Costa (1998) adverte que a literatura sobre o amor cortês é extensa. Os especialistas especialmente os literatos sempre utilizavam a prosa e a poesia dos trovadores como objeto de contínuas análises. Duas manifestações trazem a lembrança, a Religião de Amor, com os códigos, e os Tribunais de Amor. Abaixo segue algumas regras do “Código do Amor” encontrado escrito a mão no século XII (ibid., p.47).

Uma das regras é “a alegação de casamento não é uma desculpa válida contra o amor”; “quem não é ciumento não sabe amar”. Mesmo alguns séculos depois, são possíveis algumas observações a cerca de que tal código não está tão obsoleto, pois na atualidade ainda vigora a questão, muitas pessoas pensam que o ciúmes é prova de amor. Outra regra citada no código é que “ninguém pode dar-se a dois amores”. Embora na atualidade se fale em poliamor¹⁵ ainda vigora a ideia que não é possível amar duas pessoas ao mesmo tempo.

¹⁵ A autora Regina Navarro Lins (2017, p. 166) define o “poliamor”, como muitos amores, um modo de vida que defende a possibilidade de estar envolvido em relações íntimas e profundas com várias

Mais uma regra que também permanece nos dias de hoje, ainda que não seja de forma tão clara é que “o amor divulgado raramente dura”, como se amar em secreto é garantia que a relação amorosa será duradoura e infinita. Nos filmes românticos ou na literatura atual ainda está em alta a ideia que a pessoa apresenta alguns sintomas físicos diante do amado. No código existem algumas regras que denota o quanto este conceito ainda permanece nas relações amorosas. “Toda pessoa que ama empalidece diante do amado”; “Diante da visão imprevista de quem amamos, trememos”. Aqui se trata da emoção sentida quando a pessoa está perto da pessoa amada.

O ciúme é um dos temas que mais aparecem nas regras do Código do Amor, “Pelo verdadeiro ciúme, a afeição de amor sempre cresce”; “Da suspeita e do ciúme que deriva dela, o amor sempre cresce”. Para Freud (1922) o ciúme é uma posição afetiva que, assim como o luto, podem ser denominados como pessoas normais. No entanto a ausência de ciúmes na atitude ou no comportamento de uma pessoa se explica, pelo fato que essa pessoa sofreu uma intensa repressão e, portanto, tem uma função extensa na vida psíquica inconsciente. Os episódios de ciúme de modo anormal e intenso, achados na análise, manifestam-se composto de três grupos. Aqui é necessário fazer um recorte dos três estágios do ciúme. Freud comenta que um desses estágios do *ciúme* ele denomina como *normal*, ele se apresenta fundamentalmente pelo luto, pela dor da perda do objeto amoroso que se espera ter perdido e da ofensa narcísica, no alcance em que esta se distingue da outra. Além disto, existem as conseqüências orgânicas que o corpo sente quando a pessoa está apaixonada, como insônia e falta de apetite, (...) “quem está tomado por pensamentos de amor come e dorme menos”. O próximo estágio do ciúme é o da segunda camada, o *projetado*, decorre em ambos os sexos, e da própria infidelidade de fato experimentada ou do ímpeto à infidelidade que renunciaram à repressão. A prática do dia a dia demonstra que a fidelidade, especialmente a que é exigida pelo matrimônio, é cultivada perante as consecutivas tentações.

Outro modo de demonstrar amor pelo amante é desejar agradá-lo a todo custo, na atualidade é possível perceber nas relações o quanto as pessoas se doam para o parceiro, abrindo mão dos seus próprios desejos. Claro que na psicanálise

peçoas ao mesmo tempo, no mesmo nível de importância. No poliamor uma pessoa pode amar seu parceiro fixo e amar também as pessoas com quem tem relacionamentos extraconjugais ou até mesmo ter relacionamentos amorosos múltiplos em que há sentimento de amor recíproco entre todas as partes envolvidas.

existe uma explicação para tal forma de relação. Mas fazendo um recorte do pensamento daquela época, entende-se que até os dias atuais, as pessoas se relacionam desta forma. “O amor verdadeiro só encontra o bem naquilo que pode agradar o amado”; “O amor nada pode recusar ao amor”; “O amante só pode saciar-se com o gozo do amado”. A pessoa é tomada pelo amado não se importando com mais nada e nem com ela própria, na modernidade existem muitas manifestações de amor desta forma. “Uma pessoa que ama é ocupada pela imagem do amado assiduamente e sem interrupção” (COSTA, 1998).

Finalmente é possível concluir que o amor cortês como destacado deu origem a manifestação de amor sabida até a atualidade, e conhecida como uma relação amorosa entre pessoas. Tal amor mudou a forma de homens e mulheres se relacionarem.

2.2.2 Amor romântico

Há duas afirmações do amor. Primeiro, quando o apaixonado encontra o outro, há afirmação imediata (psicologicamente: deslumbramento, entusiasmo, exaltação, projeção louca de um futuro realizado: sou devorado pelo desejo, a impulsão de ser feliz): digo sim a tudo (me tornando cego). Segue-se um longo túnel: meu primeiro sim é roído pelas dúvidas, o valor amoroso é a todo instante ameaçado de depreciação, é o momento da paixão triste, a ascensão do ressentimento e da oblação (BARTHES, 1981, p. 18).

Rougemont (2003) no livro *História do Amor no Ocidente* descreve o conflito necessário da paixão e do casamento no Ocidente, e traz aspectos importantes para a compreensão do amor romântico nos dias atuais. Logo após o século XII, provençal, no ponto de vista moral assim como social o amor era considerado “nobre”: os trovadores eram elevados à altura da aristocracia que os mantinha como seus pares. É possível que venha, por meio da literatura, o pensamento moderno e romântico de que a paixão faz parte da nobreza moral e que coloca as pessoas acima dos costumes e das leis. “Aquele que ama apaixonadamente alcança um nível de humanidade superior, onde as barreiras sociais desaparecem” (ibid., p. 377).

O homem contemporâneo e da paixão, confia que o amor fatal traga algo de novo que está latente a respeito dele ou sobre a vida de maneira geral: “último ranço da mística primitiva. Da poesia à anedota picante, a paixão é sempre a aventura”

(ibid, p. 377). É o que vai mudar a vida de alguém, enche-la de boas novas, de ímpetos estimulantes, de prazeres a cada dia mais atraentes e violentos. É a possibilidade que está dando passagem, um caminho que não reprime o desejo. “Nele penetrarei, ascenderei até ele e até ele serei “transportado”. A eterna ilusão, a mais ingênua e – nem é preciso dizer – a mais “natural” para muitos (...). Ilusão de liberdade. E ilusão de plenitude” (ibid., p. 378).

O autor chama de livre a pessoa que possui a si própria. Todavia, o oposto, a pessoa apaixonada procura ser possuída, privada, jogada fora de si própria pelo arrebatamento da paixão. Sendo que sua lembrança o “enlouquece”, lembrança tal que seu início e seu final a pessoa mesmo ignora. Seu engano de liberdade está fundamentado neste par de falta de saber. Esta expressão da paixão que surgiu com o amor cortês e perpassa pelo amor romântico é uma expressão muito notável e sempre procurada na atualidade, às pessoas buscam na relação amorosa este tal de “arrebatamento da paixão”.

O amor não fazia parte do casamento, as uniões estavam relacionadas a questões de interesses familiares. Porém foi no século XIX, que o amor começou a ser introduzido de maneira gradativa. Pois nesta época o controle das emoções foi aos poucos superado por um comportamento que foi chamado de “sensibilidade”. No começo do século XX, com a chegada do telefone e do automóvel, traz consigo a novidade do encontro marcado. Logo em seguida nos anos de 1940, o amor romântico foi introduzido aos poucos no casamento. Deste modo, o amor romântico tomou conta e vigora até os tempos de hoje, pois as pessoas anseiam por este tipo de amor, que é próprio do Ocidente (LINS, 2017).

Não é possível negar que esta união oferecida pelo amor romântico seja totalmente sedutora. Nas histórias de contos de fadas, é notável que heroínas e heróis superem muitas barreiras, para somente no final, ficarem juntos. E para demonstrar que a paixão será eternizada, encerra a história com a famosa frase “e foram felizes para sempre”. Embora o amor romântico sempre tivesse como uma de suas características o arrebatamento de corações, até o século XIX, não era possível uni-lo a uma relação duradoura e fixa. O casamento por amor, não era provável, pois não era imaginável realizar, era algo incompreensível e muito trabalhoso. As histórias românticas de Romeu e Julieta ou Tristão e Isolda deixam evidente que esse modelo de amor é dominado pela impossibilidade. Quantas dificuldades o casal enfrentava, mais eles se tornavam apaixonados. O amor

romântico apareceu desde o princípio do cristianismo, nesta época o amor só poderia ser levado a Deus. O amor cortês, como foi tratado anteriormente, foi à primeira manifestação de amor conhecida até hoje, isto é uma relação íntima. Surgiu no século XII, através de trovadores, que pertenciam à corte da Provença, França, e ao longo do tempo em outras regiões e classes sociais da Europa Medieval, como isto houve grandes mudanças no comportamento das pessoas. O que permanecia até então era o desejo sexual e a busca de satisfazer tais desejos, bem distinta do modo de se apaixonar experimentada por alguns jovens. Tal transformação amadureceu, e deu início ao amor romântico. Este ideal amoroso tornou uma possibilidade de casamento no início do século XX, pois até então os laços matrimoniais se davam por puro interesse político e econômico. Desde 1940 ocorreu um fenômeno de massa, e a partir daí as pessoas desejam casar-se por amor estimulado pelos filmes de Hollywood (LINS, 2017).

No livro “Estudos sobre o amor romântico”, Costa (1998) cita um personagem do filme *Terra das sombras*, do historiador inglês C. S. Lewis, a cena é a seguinte: o personagem pergunta para um amigo de sala se ele é feliz. O amigo logo responde: “Eu sou o que sou; a vida é o que é. O que isso tem a ver com felicidade?”. A conversa diz respeito ao amor [...] a moral do filme é evidente:

(...) sem amor estamos amputados de nossa melhor parte. A vida pode até ser mais tranqüila e livre de dores quando não amamos. Mas trata-se de uma paz de cinzas [...] Nada substitui a felicidade erótica; nada traz alento do amor-paixão romântico correspondido. Diante dele tudo empalidece; sem ele até o que engrandece perde a razão de ser (ibid., p. 11).

Está representação do amor, peculiar do romantismo, é inteiramente familiar. Ela tem domínio no qual a fantasia do amor erótico significa o supremo Bem. Contudo, embora tenha um extraordinário conceito cultural, a amor já não é mais um casto momento de sedução e se transformou num trabalho duro. Quando é adequado permanece, e quando permanece já não excita. O autor apresenta também a ideia de que o amor não é algo natural, posto que haja a crença na universalidade do sentimento romântico. Ele cita a mesma ideia, no entanto relaciona com a questão da “naturalidade”, pois ao afirmar que o amor é um sentimento natural, parece que não é concebido de um modo histórico-cultural, portanto, já existe e não depende da vontade ou de escolhas preexistentes e não é decorrente do desejo ou de preferências racionais (ibid., p. 11).

A imagem do amor que domina o imaginário é típica do romantismo, que é muito conhecida. No imaginário o que prevalece é a ideia que o amor erótico é o signo do supremo Bem. Todavia, ainda que, exista um valor cultural, o amor não é mais apenas um momento de encantamento e sim se tornou um trabalho duro. Pois quando o amor é bom não permanece e quando permanece não inspira. Mas pensar no amor romântico como algo natural e universal é uma crença que está inserida na cultura de forma dominante. Essa forma de pensar faz parte das convicções amorosas que regem as relações e pode-se dizer que se perpetuam. Além disto, outras questões relacionadas ao amor é que ele é um sentimento que não tem sua própria razão, como se fosse algo de instinto e sem limites, sentimento este que pode se tornar uma condição para a felicidade, tema que será abordado no próximo capítulo “amor na modernidade líquida”¹⁶.

Para elucidar tais ideias acima Costa (1998) traz a tona esses temas relevantes no que tange a discussão sobre o amor romântico, pois ele ressalta que ao pensar na crença de que o amor é algo universal e natural, é possível compreender que o argumento que dá base para esta crença diz que em todas as culturas conhecidas existem depoimentos da presença do amor e da paixão. É como se todas as pessoas entendessem que o amor é um dom gratuito oferecido pela “mãe natureza”. Portanto, tudo o que possa impossibilitar proibir ou corromper é antinatural e desumano (ibid., p.13). Partindo dessa ideia de que o amor é algo natural ao ser humano, este autor vai contra esse pensamento, pois ele discute a questão de que o sujeito é autônomo e tem suas próprias vontades e desejos e que tais crenças forçam as pessoas a assumirem posições como se o amor não fosse construído de forma histórico-cultural.

Por ser histórico, o amor é uma construção social e varia de forma, de significado e de valor. “Assim como todas as culturas elegem suas formas de viver, de sofrer, de gozar, de morrer, também elegem suas formas de amar” (LINS, 2017, p. 23).

Outro conceito elementar na crença amorosa é que o amor é “espontâneo”, isto é ele tem um aspecto involuntário e desmedido. E que sendo um sentimento que não é possível de controlar a pessoa não poderá agir com a razão ou com seus julgamentos. Mas ao contrário desta crença e na experiência amorosa o que é

¹⁶ Modernidade Líquida – conceito elaborado por Bauman, Zygmunt (2001).

notável é que nas relações amam com sentimentos, mas ama com a razão também. O pensamento do amor romântico como crença e não como algo natural prova que a ideia de amar não é algo natural do ser humano. Sustentar o conceito que o amor é algo universal e natural do ser humano é uma das formas de perpetuar seu valor de idealização, não é tão ruim, porém não quer dizer que a pessoa ama porque a natureza necessita. No entanto, o costume amoroso derruba totalmente a idealização. O amor tem sentimentos, e também suas razões e julgamentos. No amor a racionalidade é manifesta até nas mais arrojadas paixões. Embora quando se ama a pessoa é levada a uma força passional irreprimível, todavia é de conhecimento de “quem” ou “o que” está sujeito e deve ser escolhido como objeto de amor.

A imagem do amor “transgressor” e “livre” de amarras é mais uma peça do ideário romântico destinada a ocultar a evidência de que os amantes, socialmente falando, são na maioria, sensatos, obedientes, conformistas e conservadores (COSTA, 1993, p. 17).

O amor romântico tem como ideário esse sentimento arrebatador de que é possível que a pessoa amada tenha a chave de todos os mistérios e que será capaz de levar a pessoa a um nível de felicidade. Algumas características do amor romântico são bastante evidentes, pois a pessoa idealiza a “pessoa amada” e coloca sobre ela tudo o que gostaria que ela fosse. Concede a ela características de personalidade que no fundo ela não tem. Não tem uma relação com a pessoa real e sim com a pessoa que inventou para satisfazer suas próprias necessidades (LINS, 2017). Em termos psicanalíticos, permite projetar todos os *Ideais do Eu* que o sujeito tem.

Beth Müller (1999, p. 42 apud Montoto, 2012, p.47) descreve sobre o amor romântico: “No que diz respeito ao amor, a modernidade preconiza o amor romântico. E o que caracterizava-e caracteriza, posto que não deixou de existir – o amor romântico?” É possível dizer que é um amor de si mesmo pelo outro eu, ocupado pela imagem e semelhança de si. A autora ainda cita Lacan para dizer que o autor não se cansou de retratar sobre a fase narcísica do amor.¹⁷ Desta forma tudo é realizado em nome do outro – eu como devo ser idealizado. Este amor dura para sempre, excludente e único. Sendo que ali se encontra o outro - eu, objeto de

¹⁷ Logo será retomado o conceito de Narcisismo em Freud, que também levanta questões sobre o amor narcísico.

totalidade do amor, desta forma ele exprime também com a solidez possível a imortalidade de laços sociais que poderiam proteger os direitos pelo qual alguma coisa pertence a alguém e com isto resguardar o poder.

Nesta perspectiva as regras do amor romântico se limitam a sua própria vontade, as pessoas quando se apaixonam tem por influência aspectos psicológicos e sociais que colocam limites em suas escolhas amorosas. O que deixa evidente que o amor dentre outras manifestação de emoções faz também suas escolhas. No conjunto de regras que toca o romantismo, o amor é fiel somente à sua própria espontaneidade. As pessoas se sentem atraídas afetivamente e sexualmente por algumas pessoas, mas quase nenhuma vez essa atração é contra a intolerância e gosto de classe, religião, raça ou posição social que colocam limites na lista das pessoas que merecem ser amadas. A realidade social e psicológica das pessoas retrata outra coisa. O amor é seletivo assim como outra emoção manifesta em preceitos e vínculos entre pessoas. A questão de que o amor é uma construção cultural não elimina que as relações amorosas são inconscientes, mas que se modelam aos valores que são colocados na cultura que o sujeito está inserido. O que leva a questão mais delicada em relação ao amor que é a relação do amor com a felicidade. Mesmo sabendo que o amor não é espontâneo e natural existe na cultura o interesse de que ele permaneça como ideal de felicidade. O romantismo amoroso é uma marca importante na cultura ocidental. Este ideal normatizou o comportamento emocional das pessoas, levando a autonomia e possível felicidade. Essa relação com a vida burguesa tornou um ponto de equilíbrio entre os desejos individuais e coletivos de felicidade. O que o autor aponta é que o valor do amor aumentou de tal forma retornando de forma acelerada para dentro do privado, com isto o amor romântico foi valorizado e tomado como moeda forte da felicidade assim como o consumo e o sexo (COSTA, 1998).

2.3 Conceito de Amor em Psicanálise

2.3.1 Constituição do Sujeito

Ao tratar de amor em psicanálise é imprescindível levar em consideração os estudos que Freud e Lacan se debruçaram para compreenderem as primeiras experiências psíquicas do sujeito. O sujeito não se resume apenas ao desenvolvimento biológico. Para Lacan existe uma transmissão psíquica que vai além de conceber uma criança, e a constituição da subjetividade de um sujeito é transmitida pela função paterna e função materna. A função materna que através dos cuidados com o bebê deixa sua marca mesmo que seja pelo caminho da falta e a função paterna a partir do momento que transmite e assume a Lei no desejo. A função materna e paterna não pode ser minimizada apenas pela presença no ambiente familiar de fato de um pai ou de uma mãe e essa junção não é tão simples assim. Sabe-se que pai e mãe não são suficientes para fazer um filho apenas e sim para fazer um sujeito. E no complexo de Édipo, desenvolvido por Freud e mais para frente retomado por Lacan, é possível encontrar boas referências teóricas para a compreensão desta relação tríade (FARIA, 2017).

O conceito do complexo de Édipo perpassa toda obra de Freud desde 1897 a 1938. A base para a organização do campo da sexualidade humana desenvolvida por Freud tem como fundamento as primeiras relações de amor e ódio que a criança constitui com suas referências parentais. O complexo de Édipo é, assim, comum entre os seres humanos e organiza toda a sexualidade humana, uma sexualidade que é uma construção psíquica. De acordo com Freud, o complexo de Édipo organiza o desenvolvimento sexual infantil, e tem relevância na fase fálica quando o genital adquire importância, isso ocorre em torno dos cinco anos de idade. O primeiro modelo do complexo de Édipo na teoria de Freud é do menino, em relação à menina, ainda que mais tarde também encontre um desfecho, Freud alega dificuldade em apresentar a versão do Édipo feminino. Ele descreve sobre tal complexo nos primeiros textos sobre as teorias da sexualidade. O primeiro texto trata da existência da sexualidade infantil, uma sexualidade pulsional que não se reduz à genitalidade, descreve a sexualidade infantil como *perverso-polimorfa*. Logo em seguida elabora um segundo texto onde encontra em seus estudos um ponto importante o desconhecimento da diferença entre os sexos, que consiste em atribuir a todos inclusive às mulheres, a posse de um pênis, essa teoria ele coloca o nome de *primazia do falo*. Em terceiro lugar coloca a mãe como o primeiro objeto de amor da criança, tanto no caso do menino quanto da menina.

Com base nessas três premissas universais Freud elabora sua teoria sobre o complexo de Édipo, no qual sua formalização teve início em 1924, com o seguinte texto “A dissolução do complexo de Édipo”. De acordo com Freud, o menino apresenta, na fase fálica de seu processo, uma atividade masturbatória intensa, sendo ameaçado pelos os que rodeiam de cortarem seu objeto de prazer e interesse. As ameaças no começo não fazem sentido, porém ao descobrirem os genitais femininos as ameaças são re-significadas, estabelecendo assim o *complexo de castração* (FARIA 2017).

A partir do complexo de castração a criança tem que suportar que existe uma falta, e que para ela também passa a indicar uma presença, mas também ausência. A criança tem que se confrontar a partir do caso do *complexo de castração* que existe o pai presença e ausência. Desde a formação do complexo de castração, a criança necessita se deparar com a falta, pois começa a conceber a ideia de que o pênis pode faltar. Ao se deparar com esse questionamento a criança precisa se posicionar. É nesta escolha que está à saída do complexo de Édipo. Em Lacan o tema do Édipo é inseparável do conceito de *estádio do espelho*. Pois é desde a alienação fundamental inicial no Outro materno, como espelho, que aparece no primeiro tempo do Édipo. Tanto em Lacan assim como em Freud, o papel da função materna que nem sempre é exercida pela mãe biológica, tem ou a função de, na relação com a criança ir além daquela que oferece uma simples satisfação das necessidades. A mãe vai, além disto, tomando conta da criança, significando seus gestos, seu choro, nomeando as coisas e, por meio deste caminho que é marcado simbolicamente, provê para a criança certa imagem de si mesma. A partir desta passagem a mãe, como metáfora do espelho, dá a criança o início para uma primitiva e elementar identificação. Desta forma, Lacan (1998) assegura que o estágio do espelho deve ser compreendido “como uma identificação, no significado íntegro que a análise confere a esse termo, ou seja, a transformação causada no sujeito quando ele toma uma imagem” (ibid, p. 97). A definição do estágio de espelho é como:

(...) um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim, assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1998, p. 97).

Lacan afirma que a criança ensaia as primeiras realidades psíquicas experimentadas pela criança a partir da mãe, nesta relação que se desenha a mãe e filho são as primeiras experiências suas com o meio vivo daí se dá o primeiro tempo do Édipo. Tanto para Lacan, como para Freud, a mãe é a pessoa que transmite para a criança através dos cuidados que vai além da satisfação das necessidades básicas. E é a função da mãe que está em voga no primeiro tempo, da mãe enquanto aquela que se ocupa dos cuidados básicos com a criança desde o nascimento. Nesta relação à criança encontra-se em posição de completo assujeitamento ao Outro materno, pois a satisfação de suas necessidades depende totalmente da maneira que seu choro é entendido e significado pela mãe. Esta é a relação que a princípio se estabelece entre os dois. A partir deste movimento de assujeitamento é que a criança vê sua mãe como uma mãe onipotente, pois toda a satisfação que a criança reclama depende totalmente da mãe, de seus caprichos, de suas vontades, e da forma como ela vai compreender e interpretar o choro e grito desta criança. É nesse sentido que Lacan afirma que a composição da onipotência não está, ao contrário ao que espera, no sujeito, mas sim na mãe, isto é, no Outro primitivo. É esse Outro quem é todo-poderoso, pois é dele que está acoplado a satisfação da criança (FARIA, 2017).

No primeiro tempo do Édipo para Lacan, a mãe é considerada a potência da satisfação da criança, juntamente com o assujeitamento da criança à mãe. É através deste assujeitamento que a mãe se faz Outro onipotente, que tem capacidade para dar ou recusar, porém de modo inquestionável tem algo para dar. Para Lacan, a questão do falo na mãe é deslocada para a importância do caráter simbólico, dessa suposição que no imaginário a mãe seja portadora de um pênis. Para ele o aspecto simbólico não é o pênis e sim a própria criança que ocupa de forma privilegiada a posição do falo materno. O primeiro tempo do Édipo consiste, em um passo espetacularmente estruturante, mas uma fase que deve ser, de acordo com Lacan, superada. Os rudimentos necessários para tal superação estão no segundo tempo do Édipo. Pois no primeiro tempo é possível elucidar a lógica da linguagem ao sujeito através da posição da mãe com o Outro, que pode ser chamada de anterioridade lógica do pai, no qual o lugar está assinalado antes mesmo que sua função se torne efetiva para a criança. Já no segundo tempo é que Lacan estabelece a saída da criança de seu “acoplamento” junto ao desejo materno. Por essa razão, Lacan considera esse tempo como um tema nodal no complexo de Édipo. O

conhecimento prova que, conforme a criança não vai além deste ponto nodal, ela mantém de certa forma uma identificação com o objeto da mãe. A configuração final do complexo de Édipo acontece no terceiro tempo, pois é possível definir o Édipo como um organizador da sexualidade humana, que depende essencialmente do estabelecimento da metáfora paterna e da reconstituição do falo como parte significativa, o que é disposto pelo primeiro e segundo tempo (FARIA 2017).

2.3.2 Amor em Freud

Para Phillips (1998) os amantes são parecidos com detetives, pois os mesmos estão à procura de algo que ocasionará numa diferença significativa. E o que se pode compreender na psicanálise é que ela fala sobre o amor e tem uma tendência de sustentar uma história tradicional do desenvolvimento da posse de sabedoria, que certamente em todo o tempo é antierótica. No início da relação os amantes são, de forma abundante, criativos e criam ilusões encantadoras e recíprocas, em transformações do passado, e logo aparecem com a verdade. A psicanálise, dito de outra forma assina a ideia de que a relação amorosa não é o melhor caminho de aproximar ao conhecimento de alguma pessoa, que está em impedimento, ou seja, pensando simplesmente de outra forma, não anulada pelos acontecimentos que vem logo em diante. Porém como opção, a psicanálise nos oferece o “romance de desilusão”, em que a relação é o início, e por algumas vezes necessárias a um estado melhor, porém de forma reduzida, uma análise mais verdadeira da outra pessoa e de si mesmo, para que o esteta possa reproduzir: “Se isso é real, então façamos outra coisa” (PHILLIPS, 1998, p. 77).

Falar de amor na Psicanálise não é tarefa simples, pois é necessário percorrer as ideias de Freud e Lacan, a partir do conceito de ambos sobre a constituição do sujeito. Assim, desenvolver um conceito de amor na Psicanálise é fazer uma reflexão, respeitando as minuciosas ideias de Freud adquiridas por meio de suas experiências clínicas. No começo o amor não foi um tema que Freud se interessou. No entanto no convívio com suas pacientes, compreende de modo rápido a ligação dos sintomas com a sexualidade humana. Estas experiências são assimiladas por ele, pois observa uma falta de compatibilidade entre o ego e uma

ideia que lhe é expressa. Sendo assim essa ideia fica de lado e acaba formando um conjunto psíquico que é separado do ego. Desta maneira Freud expõe sua teoria que cindi e opõe o ego versus recalçado, isto é, o inconsciente. A alusão clara ao amor começa a ficar evidente nos registros de Freud a partir da referência ao conceito de transferência; no caso Dora é o momento no qual a transferência aparece, implicando a soma total da relação analítica (LOPES, 2009).

No texto “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem” em Contribuições à psicologia do amor I, Freud (1910) no que concerne ao tratamento psicanalítico observava uma ótima oportunidade de agrupar um número expressivo de produções da vida amorosa de seus pacientes neuróticos, como também observou o modo de se comportar de pessoas medianas sadias e até pessoas excepcionais. Neste texto ele descreve o agrupamento de suas impressões, como tinha um ótimo material em mãos, dentre esses casos, alguns são mais notáveis. Logo após ter estudado tais traços ele ressalta que em decorrência do aprofundamento psicanalítico na vida de seus pacientes em tese declara que tal origem existe. Ele descobre que tanto na vida psíquica normal a escolha de objeto particular tem a mesma origem de todos os casos, isto é, aparece da fixação infantil de sentimentos que são ternos na mãe e coloca em cena um dos desfechos da tal fixação. Fica claro que na vida amorosa normal existem traços que são inconfundíveis, que o modelo materno está na escolha do objeto, ele coloca o exemplo da preferência de homens mais novos por mulheres mais velhas; e ressalta que o desligamento da libido direcionada à mãe aconteceu de forma interessantemente ligeira (ibid., p.339-340).

No próximo texto “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa” em Contribuições à psicologia do amor II, Freud, (1912), faz uma reflexão de que existem duas ideias que podem caracterizar uma atitude normal no amor, uma delas é a *terna* e a outra é *sensual*. Tal atitude surge na primeira infância, constitui-se através da atenção ao instinto¹⁸ de auto conservação e são direcionados às pessoas que cuidam da criança bem como de seus familiares. Na ideia *sensual* a pessoa vai ao encontro de objetos ativamente, tais objetos não lembram as pessoas incestuosas proibidas; a ternura que é ineficaz eroticamente é produzida através de uma marca que pode transportar a um engrandecimento da análise psíquica, que

¹⁸ Será respeitado o termo “instinto” pela tradução de Paulo César de Souza da Editora Companhia das Letras, mas o correto seria utilizar o termo pulsão (trieb) ao invés de instinto (instinkt).

não termina em excitação da sensualidade. A vida amorosa dessas pessoas fica separada em dois lados, que a arte representa em amor terreno e em amor celestial. Essas pessoas ao amarem, não desejam e quando desejam, não tem possibilidades de amar.

Para Freud (1914) um terceiro caminho de entrada para compreensão do narcisismo compõe a vida amorosa dos seres humanos, em suas diferentes variações no homem e na mulher.

Assim como a libido de objeto escondeu primeiramente da nossa observação a libido do Eu, também na escolha de objeto pela criança (e o adolescente) vimos primeiro que ela toma seus objetos sexuais de suas vivências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais auto eróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de auto conservação (FREUD, 1914, p. 31).

Freud (1914) examina algumas possibilidades para a escolha do objeto da pessoa que ama, são eles conforme o modelo narcísico: 1) o que a pessoa é (a si mesma); 2) o que a pessoa foi; 3) o a pessoa gostaria de ser e 4) o que ela foi, isto é, parte de si mesma. A outra possibilidade que Freud assinala é o modelo de apoio: 1) a mulher que alimenta (mãe) e 2) o homem que protege (pai). O Narcisismo oferece o conceito de que Narciso, ao olhar a si mesmo nas águas transparentes de um lago, vê sua própria imagem espetacular e se apaixona por essa imagem, no entanto não sabe que é sua própria imagem.

Marcuse (1981, p.151-152 apud Costa, 1998, p.26) ao falar do amor de Narciso enfatiza que ele escuta a si próprio através do eco da natureza. Convencido, Narciso revela-se como adversário de Eros; abandona o amor que faz laços com os seres humanos, desta forma é punido por Eros (...) ao demonstrar hostilidade e rejeição ao amor entre as ninfas e os caçadores, nesta feita, rejeita um Eros por outro. Se mantém ocupado por um Eros próprio, e não se ama indefinidamente a si mesmo. Não tem conhecimento de que ama a própria imagem. O seu estilo erótico é um desejo de morte que tem como consequência a própria morte, com isso o descanso, o sono e a morte estão demasiadamente afastados e distintos: o início do Nirvana prevalece em todos os estágios. E ao morrer continua vivo como uma flor chamada Narciso. A questão amorosa percorre esses caminhos. É a procura de outro que consiga restaurar a imagem deste *eu ideal*. Se a imagem refletida do outro não superar as expectativas, sofre-se. Existe uma necessidade de se garantir uma imagem perfeita do outro, e se isso não ocorrer, uma angústia se revela e gera uma

falta de articulação do *Eu ideal*. Por esta razão, o amor narcísico, espaço de identificação e autocontemplação, é o amor de posse. Rossi (2003 apud André, 1998, p. 253) fala que existe um equívoco entre os dois lados: do aspecto do imaginário, a amor se revela como amor narcísico, manifestação especular em que a pessoa ama a figura de si mesma que a outra pessoa lhe retorna como um espelho.

Ainda refletindo sobre o amor no texto “Os instintos e seus destinos”¹⁹ Freud diz que:

O caso de amor e do ódio adquire interesse particular pela circunstância de resistir ao enquadramento em nossa descrição dos instintos. Não se pode duvidar da íntima relação entre esses dois afetos contrários e a vida sexual, mas é preciso naturalmente se recusar a conceber o amor como um instinto parcial particular da sexualidade, de maneira igual aos outros. É preferível ver o amor como isso não se vai muito longe também, e não se sabe como entender um contrário material dessa tendência (FREUD, 1915, p.72).

O amar reconhece três situações opostas. Além de amor e ódio, a de amar e ser amado, e amor e ódio, quando juntos, se colocam em oposição e em modo de desinteresse ou apatia. Dessas três oposições de ideias, a segunda que é amar e ser amado equivale totalmente mudança de atividade para passividade, e está sujeito a levar de volta a uma disposição fundamental, com a tendência de olhar. Tal posição pode ser denominada: amar a si mesmo, o que pode ser uma característica do narcisismo. Com isto é possível uma aproximação de uma ideia das várias oposições do amar, ele lembra que a vida psíquica da pessoa tem influência por três lados que são opostos de: 1) a oposição da ideia Eu – Não, Eu (fora), (Sujeito-Objeto), é colocada na tenra idade para a pessoa, o conhecimento que pode levar os estímulos externos serem acalmados pelo movimento muscular do corpo, mas não pode se proteger dos estímulos instintuais.²⁰ A atividade intelectual que continua absoluta acaba gerando uma situação essencial da pesquisa, e não pode ser modificada por nenhum esforço. Em outro sentido está o *prazer–desprazer* que se apresenta fisgado por várias impressões dos sentidos, do qual a insuperável importância para o significado apropriado das ações da pessoa, isto é, da aspiração, que já foi sublimada. Logo o terceiro sentido contrário é o ativo-passivo, e não necessita ser desvirtuada com a do Eu-sujeito-fora-objeto. O eu exerce uma reação

¹⁹ Onde se lê instinto considerar pulsão.

²⁰ Onde se lê instituais considerar pulsionais

de modo passivo perante o mundo externo, e sente os incentivos dele, e reage ativamente a ele (ibid, p. 72).

Freud se deparou na relação objetal que é exclusiva do ser humano, a fixação, plasticidade, depreciação e sua valorização, quando se refere à perversão e ao amor. Ele considera que a neurose é a “negativa da perversão”, o que aparece de forma manifesta da perversão, estaria, em relação à neurose, latente. O amor resulta da disposição do Eu para atender auto eroticamente, através da aquisição de prazer de órgão, isto é um lado de seus impulsos instituais (LOPES, 2009). A origem dele é narcísica, logo transpõe para os objetos que foram reunidos ao Eu desenvolvido, e exprime a busca motivadora do Eu por esses objetos, enquanto nascente de prazer. A história do início das relações amorosas é compreendida por nós, como o fato do amor sempre se apresentar de forma ambígua, isto é, ao lado de impulsos de ódio em direção ao mesmo objeto. O ódio misturado ao amor deriva por um lado dos estágios preliminares do amor, não suplantados totalmente, por outro lado as baseia nas reações de não aceitação dos instintos do Eu, que nas comuns lutas entre amor e interesse do Eu podem chamar razões atuais e reais (ibid., p.78-80).

O amor no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, está inteiramente ligado à libido, neste texto Freud (1921) afirma que:

Libido é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada com grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável, desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor” (FREUD, 1921, p. 43).

Ele começa sua pesquisa com o foco nas maneiras possíveis nas quais aparece a *união*. O centro desse amor é sexual. Depositará os mesmo valores às expressões *Eros*, sexualidade e amor, e não hesita em chamar o mito de Aristófanes, em *O banquete* de Platão. Essa energia amorosa, a libido da Psicanálise, tem semelhança com o amor sexual. Em sua raiz, papel e relação com o amor sexual, o “Eros” do filósofo Platão combina impecavelmente com a força amorosa à libido da psicanálise. Aqui é apresentada a maneira que os seres humanos de modo geral se relacionam afetivamente entre si. De acordo a famosa comparação de Schopenhauer, a respeito dos porcos espinhos que ao sentirem frio, nenhum dele agüenta uma aproximação muito íntima com o outro (FREUD, 1921).

Freud analisa que a essência da *mente grupal* se forma através dos laços emocionais. Ao discorrer sobre o “grupo” dispõe a história do porco espinho: pois se

não se aproximarem, morrem de frio, ao se aconchegarem padecem da ação dos próprios espinhos e dos outros, desta forma terão que encontrar uma distância razoável. Ressalta o que já foi dito, sobre o narcisismo, o amor a si mesmo, que tem como objetivo resguardar o sujeito e desta maneira aparece a habilidade para odiar (LOPES, 2009). “O amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos” (FREUD, 1921, p. 58).

No amor objetal a libido se coloca à disposição dos objetos tendo como saída exclusiva do narcisismo primitivo, as uniões manifestas. Esse acontecimento é civilizador. Freud (1921) torna saliente o *amor* como atuante civilizador. O narcisismo em que as coordenadas se depararam na imagem temida do pai primevo, idealizado como *soberano, independente, autoconfiante e narcisista*. Um narcisismo que envolve tais características não existe – ele é produto da imaginação do poeta que fala a respeito do herói, ou ainda sim do neurótico que se sente vitimizado pelo fato de não ter alcançado tal estado de completude. Para a pessoa que ama está numa condição de humildade, que pode atingir uma perda egoica que lhe tira todo seu amor próprio, chegando à proporção da auto abnegação. Finaliza por ser o contrário do narcisismo e, do mesmo modo, está sujeito a ser influenciado pelas coordenadas melancólicas. Freud não acha uma palavra que alcance o caminho de um estado a outro – por essa razão e analisa-o a semelhança com a hipnose para compreender a *idealização*. De acordo com Laplanche e Pontalis (1992) idealização pode ser definida como “um processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. A identificação com o objeto idealizado contribui a formação e para o enriquecimento das chamadas instâncias ideais da pessoa (ego ideal, ideal do ego) (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 224). Alguma coisa da extensão egoica, o ideal do eu, precisa replicar pela percepção em causa pelo estado de amar e na melancolia (LOPES, 2009).

2.3.3 Amor em Lacan

Trabalhar o conceito de amor na Psicanálise tem como apoio o ensino de Lacan. Para ele “os conceitos têm sua ordem de realidade original”. As primeiras denominações surgem das próprias palavras, são instrumentos para delinear as

coisas. Esses esclarecimentos estão na abertura de seu primeiro seminário ao lado das referências a Freud, à noção de sujeito e à linguagem, que são básicas em seu ensino (LOPES, 2009). Para refletir sobre o amor em Lacan, serão utilizados alguns de seus seminários que tratam do assunto. Um dos textos que serve de base para tal reflexão é o *Seminário livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2008) e o *Seminário livro 20 mais, ainda* (2008).

Um dos conceitos desenvolvidos por Lacan, é que o “sujeito está alienado na linguagem”. A partir de tal alienação é que o sujeito estabelece a reprodução de seu mundo – toda a grandeza de sua consciência. Em relação à primeira fase de sua vivência que foi esquecida – e por não conseguir ter acesso – contestará sua fantasia. Tal fantasia irá deixar coberto esse espaço do qual falta à lembrança produzindo assim uma apurada consistência ao sujeito em sua relação objetual com o Outro. E a registra o que veio anteriormente, a qualidade de *objeto* do Outro primeiro (mãe), a experiência de satisfação. É o resquício da relação de imediatez e completude. O objeto que é o sujeito, lançado para fora dessa relação, isto com a dimensão da *falta* no Outro. Desta forma, a castração (*falta no Outro*) é, via de regra, em primeiro lugar a castração da mãe. Pela castração materna começara a constituição subjetiva – e a busca desse objeto. No espaço da linguagem aparece essa falta [S (\bar{A})] que não replica ao sujeito pelo seu ser alienado na linguagem, singular probabilidade da experiência, sua pergunta se perpetua (ibid., p.35-36).

Ao tratar de fantasia, a dimensão que é lançada é a relação imaginária. Lembrando que para Laplanche e Pontalis (1992) fantasia significa “roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a análise revela como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto: fantasias originárias” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 169). Ela aparece no espaço de um corte, ela protege um espaço que uni as duas dimensões e responde por elas. Ela interfere num espaço onde existiu uma perda de objeto, dando assim uniformidade. O objeto a representa a falta principal do desejo. O objeto a é o objeto que dá origem ao desejo – uma ausência, sendo que o desejo é desejo de ausência. No entanto ele também é *causa* do psiquismo. O desejo é a máquina do inconsciente, desejo de voltar à tenra relação perdida, que por sua

proximidade revoga qualquer maneira de relação. Com o pensar o que acontece no amor? A resposta imediata ensinada por Lacan (2008), é que a repetição está em outra direção diferente da transferência. A repetição está oculta na análise por estar ligada à pulsão, já o amor se coloca como aparecimento na transferência. Freud (1910) trata disso quando lê a repetição da ligação antiga, em “Psicologia do amor I”, e descreve a dimensão do desejo como a coisa que foi afastada pelo recalque, consentindo que o antigo objeto de amor fique externo ao campo do desejo, dessexualização que irá se separar em dois fluxos: o fluxo da ternura destinada ao objeto de amor e a do desejo destinado ao objeto erótico (na qual se liga a via pulsional), que diz respeito ao *objeto da falta* isto é o, objeto *a* (LOPES, 2009).

Quando se está questionando o que é o próprio amor, na maioria das vezes, existe uma condição de lapso, um movimento, para o desejo. Isso aparece, por exemplo, no ótimo texto dedicado ao amor que foi tratado no começo deste trabalho. O *Banquete* de Platão, no trecho em que Diotima dá início ao ensino para Sócrates o que está na origem do amor. Geralmente é possível avistar a proporção da *falta*. De acordo com o que foi estudado percebe-se que o objeto do desejo é o objeto *a* que é distinto do objeto do amor: o outro. O objeto *a* é o objeto do desejo, tal objeto é rodeado pela pulsão na falta do seu objeto, sinaliza uma relação anterior que foi perdida e que representaria a completude, nunca reencontrada. O sujeito estaria assim dividido quanto ao seu desejo, desejo este que é específico do sujeito (ibid., p. 37-38). Para Lacan (2008) o sujeito por não saber ao certo porque está dividido em decorrência da linguagem (...) seguindo as linhas do aprofundamento freudiano. Por meio da fala, o sujeito se realiza continuamente no Outro, mas aí ele já não vai atrás mais que uma metade de si mesmo.

Ele só achará se desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala. O efeito de linguagem está o tempo misturado com o fato, que é o fundo da experiência analítica, de que o sujeito por se assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seus assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro (LACAN, 2008, p. 184).

É por essa razão que o sujeito necessita sair disso, tirar-se disso, e no *tirar-se disso*, no final, ele terá consciência que o Outro real tem, igual a ele, desta forma quer se tirar isso. É neste momento que coloca a precisão de confiar, estabelecida na veracidade de que a mesma decorrência do problema em relação aos caminhos do desejo permanece também no Outro.

Lacan (2008) faz referência ao amor em vários de seus seminários. No *Seminário livro 20, Mais, ainda*, declara que este sempre foi à razão de sua pesquisa. Ainda afirma que transferência é amor e acrescenta que é amor-paixão, definição também abordada por Freud. O amor-paixão que é vivenciado pela pessoa como uma maneira de *catástrofe psicológica*. Observando a transferência é que dá movimento a análise, é inteligível a apreensão em distinguir o que é esse amor que se mostra na análise em sua expressão de ilusão. No primeiro seminário, Lacan (1986)²¹ retrata que o neurótico encontra problema relacionado ao amor, mas de contra partida adentra em transferência com facilidade. Neste seminário o mesmo ressalta que não é sempre que se acha realizado dar a equitativa representação do seu desejo. Nessa ocasião, Lacan analisa que existe correspondência do objeto amado e do Ideal do Eu na relação amorosa – certa perversão da realidade pela deslumbramento cumprido pelo objeto amado e sua sobre determinação. Tal Ideal do Eu (Outro) pode se apresentar em meio aos objetos na condição do Eu Ideal. Plano que lança uma conquista narcísica. A justaposição do objeto à imagem do *eu* pode resultar numa ligação fatal. Portanto se isso é amor, é continuamente o *eu* que se ama no amor - eu concretizado a condição de imaginário. Desta maneira registra o amor como uma maneira de suicídio (LOPES, 2009).

A analogia imaginária é modelo de todo erotismo plausível. É uma qualidade à qual deverá ser dominado o objeto de Eros. A relação objetual deve se reprimir muitas vezes a representação narcísica e se registrar nela. Os desejos infantis decorrem, primeiramente, através de outro especular. Por meio dele, a criança tem seu exercício e assente a seu fundamento, que é a lei. Lacan (2008), no *Seminário livro 11* adota sem deixar dúvidas o meio pulsional, e o conceito fundamental, a transferência, isto é, o amor. Para Lacan o amor consiste como disposição que tende para o mesmo ponto a energia sexual e desiste da ideia de *pulsão genital*. Alega que a experiência da sexualidade está relacionada às pulsões parciais. Para debater o amor, Lacan incluirá real e sujeito. Pelo fato de ser dessexualizado, esse real não interfere a nível pulsional.

²¹ LACAN, Jacques. Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 3 ed. (1986).

Que haja um real, isto não é absolutamente duvidoso. Que o sujeito só tenha relação construtiva com esse real na dependência estreita do princípio do prazer, do princípio do prazer não acossado pela pulsão, aí está – veremos da próxima vez – o ponto de emergência do objeto do amor. Toda questão é saber como esse objeto de amor pode vir a preencher um papel análogo ao objeto do desejo – sobre que equívocos repousa a possibilidade para o objeto de se tornar objeto de desejo (LACAN, 2008, p. 182).

Lacan (2008) ao tratar desta questão tenta deixar claro algumas ideias relacionadas à introdução do sujeito no campo do Outro. Discutirá da forma de separação e alienação. Ele registra o aspecto de sujeito no campo do Outro em comparação a maneira da circularidade pulsional, assinalando sua falta de sintonia. Existe uma reflexão no Outro no qual modelo é à borda da zona erógena. Em relação ao amor, não considera ele pulsional. Diversamente das coordenadas do campo pulsional que baliza para uma relação dissimétrica, entre o Outro e sujeito, daí existe reciprocidade. Existe uma diferença entre desejo e prazer. As pulsões estão relacionadas ao objeto de desejo. O mote de conflito é entendido em relação ao desejo, mas jamais ao prazer. O alvo de conflito seria o *fading*: potência máxima na inquietação objetual no cerne do campo do Outro (gozo ideal), que não dá vazão a existência do sujeito. Isto é no segundo alvo no qual o sujeito não é capaz de alcançar sua significação (LOPES, 2009). Desta forma, ao retomar o aforismo lacaniano que não há *relação sexual*, é possível assegurar o seguinte: a contradição da relação sexual é possível porque o campo do Outro é paralelo à via pulsional. Nesses dois campos a origem é o objeto do desejo, o objeto *a*. A questão objetual no amor se estabelece no campo da identificação, o que está relacionado à imagem:

Os objetos que estão no campo do *Lust* têm uma relação tão profundamente narcísica com o sujeito que, no fim das contas, o mistério da pretensa regressão do amor à identificação encontra sua razão na simetria desses dois campos que lhes designei por *Lust* e *Lust-Ich*. O que não podemos guardar do lado de fora, temos sempre sua imagem do lado de dentro. É mesmo tola assim, a identificação ao objeto do amor (LACAN, 2008, p. 236).

Lacan ao retomar a questão transferencial, ele também analisa esta questão em referência à *relação narcísica*. O eu – ideal deseja ter de volta sua imagem amável de si próprio. O Ideal do Eu: o outro me vê de uma maneira que eu gosto que me vejam. O alvo de conflito aparece em *a* – entre *I* e *a*. O conflito *I/a*, aqui está posta, pois Lacan está considerando a transferência. O que consentirá a saída da

análise é termino desse projeto de ilusão. Como já visto, a origem da pulsão é energética, desta forma, ela não fala – não é possível *viver a pulsão*. Logo após essa definição é que Lacan consegue fazer a distinção do sujeito em relação ao *a* propriamente: a separação de *a*, que o ensaio da fantasia fundamental se torna a pulsão. O *a*, deverá ser especificado, portanto é ir mais-além da análise (LOPES, 2009). O desvio do olhar, a indiferença e a ignorância, são capazes de elucidar sob que véu ainda falto escondido tal mistério. Ora, para quem quer que seja capaz de se direcionar, para esse acontecimento, um olhar audacioso-e, ainda uma vez, existem com certeza poucos que não se submetem à atração do sacrifício em si mesmo, a renúncia significa que, no objeto de nossos desejos, buscamos ir ao encontro do depoimento da presença do desejo do tal Outro que Lacan retrata como Deus obscuro.

O amor (...) só se pode colocar nesse mais além, onde, primeiro, ele renuncia a seu objeto. Também está aí o que nos permite compreender que qualquer abrigo onde pudesse institui-ser uma relação vivível, temperada, de um sexo ao outro, necessita a intervenção – é o que ensina a psicanálise – desse médium que é a metáfora paterna (LACAN, 2008, p. 267).

Lacan (2008) ainda afirma que o desejo do analista não é um desejo legítimo. E sim um desejo de alcançar a diferença total, aquela que interfere ao repousado com o significante primordial, o sujeito aparece, pela primeira vez na disposição de se assujeitar a ele. Neste momento pode aparecer a significação de um amor sem fronteiras, pois está externo aos limites da lei, apenas onde ele consegue viver. No *Seminário livro 20 mais*, ainda Lacan (2008) diz que o amor: “há muito tempo que só se fala disso. Será que preciso acentuar que ele está no coração do discurso filosófico?” (ibid., p. 45).

Neste seminário Lacan refletiu sobre o amor com o código de signo. Distinto do significante que necessita estar acompanhado a outro significante a fim de conservar o papel de significação, o signo se mostra exclusivamente. Porém esse aspecto tenha sua importância, a questão que Lacan lança foi que a função do amor é de fazer Um (CALDAS; MAIA, 2011).

[...] o amor, será que é fazer um só? Eros, será ele tensão para o Um? [...] Há Um, com este enunciado é que dei suporte ao meu discurso do ano passado, e certamente não para confluir nessa confusão original, pois o desejo só nos conduz à visada da falha, quando se demonstra que o Um só se agüenta pela essência do significante (LACAN, 2008, p. 13).

Para Lacan o desejo de ser Um, no amor, deriva da procura do objeto perdido, que na verdade nunca existiu. Destarte, “o amor é impotente”, mesmo sendo mútuo, pois desconhece que sendo apenas o desejo de ser Um o que acarreta a impossibilidade de formar a relação dos [...] ambos os sexos (ibid., p. 13). O amor trabalha na tentativa de “restaurar” o objeto perdido, e ele só é acessível apenas por meio dos significantes que o cercam, que o circulam (ROSSI, 2003).

Lacan por um lado, ressalta a ineficácia do amor a fim de fazer Um, ou para estabelecer a relação sexual; de outro modo, existe a “suplência do amor” a relação sexual que não existe. De acordo com Lacan:

É mesmo em relação ao para - esser que devemos articular o que vem em suplência à relação sexual enquanto inexistente. É claro que, em tudo que disto se aproxima a linguagem só faz manifestar sua insuficiência (LACAN, 2008, p. 51).

Diante deste ponto de vista Lacan deixou evidente que o amor não tampa a abertura eleita do desejo, no qual se instala o objeto a causa de desejo. A expressão “*nós dois somos um só*”, que Lacan ressaltou em seu trabalho, ele diz que as pessoas sabem que nunca aconteceu, entre dois, que eles se tornaram um, mas que finalmente, *nós dois somos um só*. É daí que surge o conceito do amor. É realmente a forma mais rude de apresentar à relação sexual, a esse marco que de forma clara escapa o seu significado. Se existe relação do amor com o Um, isto quer dizer que nenhuma pessoa consegue sair de si mesmo. E é este conceito que Freud apresentou ao inserir a função do amor narcísico, todas as pessoas sentem e sabem que a dificuldade é de como pode existir um amor por outra pessoa (LACAN, 2008).

Caldas e Maia (2011) chegam à conclusão que ao se deparar com a definição lacaniana que “não há relação sexual” a essência da formulação a respeito da falta de um objeto de amor determinado com antecedência para o sujeito e a respeito da impossibilidade de arranjar dois sem a presença de um terceiro nesse terreno. A relação sexual com o objetivo de fazer Um não existe para o ser humano: ela pode aparecer no mundo animal, e se aparece no ser humano é um indicador de que existe algo que não vai bem, de que o dano natural teria sido sintomaticamente levado ao ponto mais alto do gozo. Como diz Lacan: “o que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor” (LACAN, 2008, p. 51). O amor tem deste modo, o papel de semblante para a relação sexual que não existe.

3.0 MODERNIDADE LÍQUIDA E AS RELAÇÕES AMOROSAS

3.1 Avanço Tecnológico

Com a globalização e a evolução nos meios de comunicação as relações humanas têm tomado outras formas. Os encontros entre pessoas estão cada vez mais virtuais, e as relações amorosas não poderiam ficar de fora, já que tais meios de interação se tornaram uma ferramenta para paixão. Numa sociedade cada vez mais ligada ao que é efêmero, a evolução rápida dos meios de comunicação e o avanço tecnológico, como a internet, os celulares, smartphones, se apresentam como um meio de comunicação entre as pessoas, possibilitando desta forma um novo manejo nos relacionamentos através de meios virtuais.

Possivelmente, em qualquer outro contexto histórico, não houve tantas transformações num breve espaço de tempo como as que aconteceram na contemporaneidade. Revisitando teóricos que falam sobre a influência das tecnologias da informação²² no comportamento das pessoas, Silva e Takeuti (2010), levantam questionamentos interessantes sobre o avanço da tecnologia. Cabe ressaltar que houvera muitas mudanças desde que autores escreveram essa tese em 2010, pois o estudo no qual se debruçaram foi uma pesquisa empírica no Fórum da comunidade virtual do Orkut²³ (nota) “*Conheci meu amor pela internet*”, que partiu do pressuposto que os enredos sentimentais e amorosos, ali descritos, são na verdade formas de *narração de si*. É importante refletir que atualmente existe influência deste avanço tecnológico no modo em que as pessoas se relacionam principalmente no que toca a questão das relações amorosas que são estabelecidas a partir dos meios virtuais de comunicação.

Um dos questionamentos é a hipótese de que a tecnologia da informação regula o comportamento das pessoas, promovendo dúvidas nas pessoas que negam a passividade dos homens no método de elaboração das técnicas. Partindo do pressuposto de que as tecnologias condicionam os sujeitos, modificando assim suas

²² Tecnologia da informação, conhecida também pela sigla TI, é uma área que utiliza a computação como um meio para produzir, transmitir, armazenar, aceder e usar diversas informações.

²³ Surgido em janeiro de 2004, o Orkut foi uma rede social ligada ao Google, que recebeu versão em português em abril de 2005 (FIGUEIREDO; SOUZA, 2017).

vidas, mas ao mesmo tempo são essas mesmas pessoas que participam de forma ativa nos processos de construção, solidificação e significação dos produtos que eles mesmos criaram. Partindo desta ideia os autores trazem a concepção que são os indivíduos que as (re) interpretam, (re) significam e (re) elaboram de acordo com os interesses sociais e culturais. É uma comprovação certificar que são os mesmos responsáveis pela execução do mundo social. Entretanto, mesmo ponderando esse panorama, admiti-se por outro lado, que seria impreciso não delegar às tecnologias a imparcialidade do encargo no que se refere às mudanças que os indivíduos experimentam nos dias atuais. Com certeza não seria correto reconhecer que o aumento das tecnologias não influencia práticas e comportamentos. Conseqüentemente, diante disto, é possível compreender que os indivíduos, na medida em que criam as técnicas, ao mesmo tempo, são produzidos ou modificados por elas. Por essa razão, se é adepto pensar na questão conforme a qual as tecnologias da informação têm sua influência na formação na subjetividade dos indivíduos (ibid, p. 400).

Um dos temas atuais que está em pauta entre aqueles que estão pensando e estudando sobre as questões relacionadas à cibercultura²⁴ é o das “identidades múltiplas” que os usuários ou os cibernautas têm chance de ampliar nos ambientes do ciberespaço. A comunicação através de meios digitais se depara com incertezas tanto organizacionais quanto interpessoais. De acordo com Santaella (2007) em outro trabalho desenvolvido (Santaella 2004^a, p. 13-25), traz que o conhecimento do que é o “sujeito” e a de subjetividade dela proveniente foram inventadas no cartesianismo²⁵. O conceito da subjetividade humana deixada pelo imaginário cartesiano prevaleceu no pensamento ocidental por alguns séculos. Diante deste conceito a existência do sujeito é semelhante ao seu pensamento. Contudo, de alguns anos para cá, cresce o *coro das vozes* que assegura que a “ideia do eu”, deixada por Descartes, se deparou como um conflito que possivelmente não poderá se reverter. As ideias que se tem sobre o indivíduo, sujeito e subjetividade que está por baixo dessa *ideia* foram rematadas por transformações culturais que já tiveram

²⁴ Conjunto de aspectos e padrões culturais relacionados com a Internet e a comunicação em redes de computadores.

²⁵ Cartesianismo é a doutrina do pensador francês René Descartes (1596-1650), e de seus seguidores, considerada o marco fundacional da filosofia moderna, por inaugurar a autonomia de uma razão dubitativa, científica e subjetivista em relação ao primado da autoridade tradicional e da crença religiosa.

começo na segunda metade do século XIX. A autora retoma Lacan (1982) a fim de exemplificar a questão da subjetividade, pois através das descobertas freudianas, no seu ordenado esquema para explicar o conjunto de forças que visam à compreensão da formação do ego, Lacan evidenciou que o ego é, de fato, uma compilação desorganizada de identificações e a aparente unidade do eu e uma projeção do imaginário (SANTAELLA, 2007).

Partindo dessas ideias, é essencial destacar, é que todas as mudanças que ocorreram nas relações entre os indivíduos, umas das questões importantes e atuais é compreender como os avanços tecnológicos influenciam nas experiências amorosas das pessoas. Pois com este avanço ocorreram mudanças consideráveis na forma das pessoas se relacionarem amorosamente, e isto impactará na subjetividade dos indivíduos e na cultura.

3.2 Relações líquidas na modernidade

Para elucidar o conceito de modernidade líquida e apresentar os assuntos relacionados à pesquisa desta monografia, o ponto de partida está em compreender como as pessoas se relacionam amorosamente na sociedade atual cada vez mais líquida. Diante disto será imprescindível a leitura da noção de “Modernidade Líquida” que autor o Zygmunt Bauman (2001) traz no campo das ciências sociais e que também é estudada por vários estudiosos no campo da filosofia e se apresenta como possibilidade para a reflexão sobre a fragilidade das relações amorosas contemporâneas. As relações humanas na contemporaneidade estão se tornando cada vez mais líquidas, no qual insegurança, desconfianças, confusões são constantes nos relacionamentos. Não existe nenhuma solidez e garantia de que a pessoa que é escolhida amorosamente estará ao lado da pessoa amada por toda vida. Bauman (2001) faz uma análise que na modernidade, o sujeito estabelece sua identidade desde a comunidade a qual está contextualizado (inserido). Todavia, com o progresso da globalização e avanços das tecnologias, o processo de subjetivação ultrapassa para um estado global, o indivíduo desta forma, sente-se em conflito, ao cabo que ele mesmo, deseja construir sua identidade, atualmente não mais fixada na família.

Uma das conseqüências da modernidade líquida é que o ser humano está cada vez mais insatisfeito com o que possui, e por vezes, não consegue identificar o que realmente deseja. Ao se deparar com essa dinâmica do pós-modernismo,²⁶ no qual a rapidez e a velocidade são constitutivas desse período, os relacionamentos profissionais, familiares e amorosos se tornam cada vez mais fragilizados. De acordo com o sociólogo as principais características da modernidade líquida são o desapego, a provisoriedade, o crescente processo de individualização e o embate entre segurança e liberdade. Bauman (2001) começou a analisar a pós-modernidade sob a luz da liquidez, como uma época em que nada é feito para de fato durar - uma marca no espaço e no tempo no qual a fixidez das relações é alterada pela descartabilidade da simples conexão, organizando assim o conceito de “modernidade líquida”. Para Bauman, a modernidade líquida não significa pós-modernidade, pois a modernidade não acabou ela se transformou de modo interno para uma versão consumista, ultraindividualista e despolitizada. Para tratar deste conceito Bauman (2001), traz o significado de “*fluidez*” que é *qualidade de líquidos e gases*, o que os discrimina dos sólidos, é que os gases: “(...) não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis, e assim sofrem uma constante mudança de forma quando são submetidos a tal tensão (BAUMAN, 2001, p. 7).

Os líquidos se distinguem por ser uma diversidade dos fluidos e são adversos à estabilidade dos sólidos, à oposição que esses têm em relação à mudança. Por essa razão Bauman (2001) se serve deste conceito de “fluidez”²⁷ e “liquidez” como fundamental metáfora para essa época da era pós-moderna. Destarte, para Bauman a modernidade foi um processo de redução de um sólido ao estado líquido desde o princípio.

Essa intenção clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição” – isto é o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação” (BAUMAN, 2001, p.9).

²⁶ Existem diferentes nomeações para a Pós-Modernidade, este tema não será aprofundado neste trabalho. Essa é uma discussão ampla que nos remete, muitas vezes, referências diferentes, discussões diferenciadas e filiações epistemológicas não se combinam.

²⁷ Bauman toma como referência a famosa frase de Marx “Tudo o que é sólido se desmancha no ar”.

É significativo ressaltar que na modernidade todo esse processo é feito não com a ideia de destruir por vez os sólidos, mas sim para abrir o caminho para novos e aprimorados sólidos, e conseqüentemente duradouros. Contudo, diversamente da modernidade, a empreitada de estabelecer uma nova ordem e suprir a velha ordem imperfeita não está nos planos atuais. Os sólidos que liquefazem neste tempo da modernidade líquida são as ligações que entrelaçam as escolhas subjetivas e individuais e os planos de ações coletivas e podem ser apontadas algumas das principais características, que foram radicalizadas de forma notória pelo capitalismo e que são apresentadas e problematizadas pelo autor em questão. Elas são a ambivalência, a fluidez, a instantaneidade, a fragmentação, o consumismo e o individualismo (NOGUEIRA, 2006).

De acordo com Bauman (2001, p. 16) a modernidade líquida começa quando “*o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si*”. Com o avanço da tecnologia todos os limites à velocidade do movimento poderiam ser alterados e a época moderna com sua expansividade e flexibilidade traduzem o fundamental instrumento de poder e de dominação. O esvaziamento do tempo e do espaço como eram antes idealizados, originou o desagregamento do mundo praticando assim com que a instantaneidade acarretasse uma mudança brusca nas disposições do convívio humano e nas condições sociais. Desta forma, a desintegração da rede social é de tal modo uma condição tanto quanto um resultado da recente técnica do poder, seja qual for à rede carregada de laços sociais e em especial uma que esteja territorialmente enraizada, é uma barreira a ser suprimida. O que fica evidente nessa relação de espaço e tempo na modernidade líquida são as fragilidades e o imediatismo das redes e laços de relações humanas. Neste mundo frágil e imediatista, os laços humanos se estabelecem de modo precário. A fluidez da modernidade líquida se desvenda por meio do lado mais fraco, instantâneo, efêmero e precário das relações humanas. As pessoas estão desconectadas, sem redes de convivências de apoio, sentem-se perdidas com necessidades de gerar laços afetivos (ibid, p. 21-22).

Todavia como afirma Bauman (2004), os laços afetivos estão atados de forma frouxa para que assim possam ser desmanchadas sem grandes dificuldades, a partir do momento que se poupa tudo que é sólido e estável, as pessoas procuram se relacionar, mas não estão disponíveis para lutarem pela perpetuação e continuidade de suas relações. Para o autor, os seres humanos do mundo líquidos são.

(...) são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados, por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se”. E, no entanto desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois teme que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para – sim, seu palpite está certo - relacionar-se (BAUMAN, 2004, p. 8).

O sociólogo Bauman (2008, p. 27, apud Montoto, 2012, p. 60) pensando na dificuldade que as pessoas têm em se defrontar com outro, apesar de discutir reflexivamente a respeito da internet, suas concepções podem ser aproveitadas para a compreensão da dificuldade ou impossibilidade de se estabelecer relação com o próximo²⁸. “Um encontro face a face exige o tipo de habilidade social que pode inexistir ou se mostrar inadequado em certas pessoas, e um diálogo sempre significa se expor ao desconhecido: é como se tornar refém do destino”.

3.3 Os relacionamentos virtuais

O uso da internet vem crescendo rapidamente e acima do comum, embora o acesso ainda não seja igual para todos em diferentes partes do mundo. Desde o início demonstrou uma ampla possibilidade no campo amoroso. Na atualidade as pessoas se relacionam intimamente com os telefones celulares e smartphones. São pequenos aparelhos que se tornaram onipresentes, e já estabelecem um papel importante na vida das pessoas e, especialmente nos relacionamentos. Pesquisas recentes realizadas nos Estados Unidos apontam que um em cada três matrimônios inicia em frente a uma tela, seja de computador ou de um celular. Outro fator ressaltado nesta pesquisa é de que os relacionamentos começados *on-line*, após cinco anos, são mais felizes e têm menos probabilidade de separação. Passados alguns anos, os relacionamentos *on-line* perderam o estigma. Atualmente, grande parte dos americanos, por exemplo, concordam que os aplicativos é um meio

²⁸ Esta ideia o autor apresenta em outro trabalho “Vida para consumo”. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

interessante de conhecer pessoas novas. Além do mais, a utilização dos *apps*²⁹ cresceu em igual quantidade na faixa dos 18 a 24 anos como também na faixa de 50 e 65. Num ritmo rápido, as pessoas vão absorvendo as novidades, mas ainda é rara a oportunidade de reflexão mais profunda sobre todos os efeitos deste processo (BENATTI; CARVALHO, 2016 apud FIGUERIDO; SOUZA, 2016, p. 10).

Para se pensar na velocidade do desenvolvimento dos dispositivos móveis, principalmente do telefone celular, atualmente é possível assegurar sem espanto que não somente na cidade, mas qualquer outra parte do mundo está acessível ao contato de minúsculos dígitos de um aparelho celular pequeno que é possível colocar na palma da mão de uma criança. Hoje os celulares computadorizados são tão pequenos que pode se comparado aos mouses dos desktops, vão para todos os lados, cúmplices que não se separam de seus donos, que os carregam até para o banheiro (SANTAELLA, 2007).

No que diz respeito ao avanço tecnológico principalmente com o advento da Internet, é necessário fazer um pequeno levantamento de alguns dados para compreender como esses meios de comunicação se tornaram parte do cotidiano das pessoas e mudou a forma das pessoas se relacionarem. Em 1959 um dos primeiro projetos que envolveram computadores, com a finalidade de aproximar as pessoas para um relacionamento amoroso, foi um experimento realizado na Universidade de Stanford, na Califórnia num curso de matemática. Isso quer dizer que antes mesmo do estouro da utilização doméstica dos PCs, na ocasião em que os computadores ainda eram exclusivos aos meios acadêmicos, a utilização com objetivos amorosos já existia. Após o ano de 1970, a informática se esforçou a fim de se concentrarem na acomodação dos computadores para a venda no mercado, o que chegou ao desenvolvimento dos microcomputadores. Na década de 1990 foi desenvolvida a *World Wide Web* (WWW), uma forma de comunicação global em que os usuários podem escrever e ler em computadores conectado à internet através de hipertexto, tornando assim o compartilhamento fácil o que culminou na popularização da utilização doméstica. No próximo ano, a web se tornou acessível às pessoas pela primeira vez, dando espaço para os usuários se conectarem e desfrutassem de informações e comunicações em um grande alcance (FIGUEIREDO; SOUZA, 2017).

²⁹ App pode ser a sigla para várias coisas no mundo mas em se tratando do mundo mobile app é uma abreviação para “application”, do inglês, que significa aplicativo, programa, software. Esta definição simples acaba por ser muito genérica se consideramos que existem apps para celulares, tablets, navegadores e até mesmo sistemas operacionais de desktop.

A procura de uma parceira amorosa por meio da rede foi muito promovida pelos provedores de internet. Serviços como Prodigy e América Online proporcionavam salas de bate-papo e fóruns para pessoas com esse objetivo. Os encontros amorosos por vias virtuais que ocorriam por meio de chats se tornaram populares. Deste modo, mesmo quando a web ainda passava por muitas limitações técnicas, já havia uma cultura de relacionamento amoroso virtual. Com o aparecimento das redes sociais promoveu-se, portanto tipos de encontros entre pessoas. Surgido em janeiro de 2004, o Orkut foi uma rede social ligada ao Google, que recebeu versão em português em abril de 2005. O objetivo inicial do Orkut eram os Estados Unidos, mas do contrário essa rede de forma curiosa conquistou a maioria dos seus seguidores no Brasil e na Índia. Aqui no Brasil, teve mais de 30 milhões de usuários; na Índia ficou em segundo lugar como a rede social mais visitada. Porém, em 2011, o Orkut começou a perder o público de forma expressiva para outras redes sociais. Já em 2012, foi superado pela rede social Facebook, que se tornou a principal rede social no Brasil e no mundo (ibid, p. 35).

Para Castells (1999, p. 433 apud Silva e Takeuti, 2010, p. 402), as enérgicas mudanças encontradas no centro das sociedades atuais envolvidas em modernas revoluções tecnológicas de informação, resulta em novas práticas de relacionamentos amorosos. A internet se tornou um meio de comunicação interativo unânime via computador, virou um campo em que modernas formas de se relacionar estão sendo formadas como o “namoro virtual”. A internet causou uma grande transformação na forma das pessoas viverem, tornando cada vez mais rápida e interativa, conseqüentemente surgem novas formas de encontros, através de aplicativos, tais encontros são proporcionados através da interação com smartphones e redes sociais. Em virtude dos geolocalizadores via satélites já inseridos nos aplicativos isso provoca uma mudança expressiva nos modos de busca e possíveis encontros entre pessoas. É conhecido o quanto esse meio de comunicação através da internet via redes sociais e sites que beneficiou a união de casais interculturais, aproximando pessoas que vivem em países distantes com culturas diversas. Em vista disto, a dinâmica de encontros ficou cada vez mais rápida. Como já, ressaltado, o avanço das novas tecnologias, principalmente as tecnologias móveis, aumentam a socialização e os contatos e trazem novas maneiras na manobra dos primeiros encontros amorosos. Ponderando que as dinâmicas de encontros se tornaram cada vez mais rápida, conseqüentemente o

cenário amoroso cibernético mudou rapidamente, embora ainda não seja possível compreender de forma mais profunda os efeitos dessas mudanças (FIGUEIREDO; SOUZA, 2017).

Os formatos das relações amorosas atuais são diferentes dos anteriores por ser aquele estabelecido e, em seguida, sustentados a partir da relação com os meios cibernéticos. Por isso pode-se considerar uma relação virtual, pois a forma que os relacionamentos se estabelecem e se mantêm é assinalado pela virtualidade. Perante todas essas mudanças, presume-se que as conseqüências desses processos parecem sobrevir nas formas das práticas amorosas. Esses novos contextos abrem caminhos que redesenham e redefinem as maneiras que as pessoas se relacionam e, em conseqüência, surgem novas formas de experiências e expressões românticas (SILVA; TAKEUTI, 2010). Através da ideias mencionadas acima é possível compreender o quanto a internet tem influência na vida das pessoas e principalmente nas questões psíquicas envolvidas nessas redes de comunicação. São essas questões importantes que está em debate neste trabalho. Os efeitos psíquicos dessas novas formas das pessoas se relacionarem no que se refere às questões individuais e seus efeitos na cultura.

Do contrário das ideias expostas até aqui o autor Han (2017) em seu trabalho “Agonia de Eros” discute questões importantes da sociedade moderna e do desempenho, e ressalta que num mundo de tantas possibilidades o amor está cada vez mais escasso. O Eros impõe um significado importante, ao outro, que não pode ser compreendido pelo sistema do eu. O autor ressalta que na sociedade atual não existe a oportunidade de se deparar com a experiência erótica, que implica na sublimidade, a inseparável singularidade do outro. Mas a terrível possibilidade de permanência, que converte tudo em objeto de consumo, arrasa a cupidez erótico, culminando no desaparecimento do outro, indício de que a sociedade está se tornando cada vez mais narcisista, conseqüentemente é uma sociedade, esgotada a partir de si, e que não consegue se libertar para o outro. Tal ponto de reflexão parece levar as relações amorosas surgidas por meios cibernéticos a um desaparecimento do outro, através dos meios digitais, atualmente existe uma tentativa de aproximar o outro o mais perto possível, é uma busca incessante de diminuir a distância produzindo assim proximidade. Entretanto, nesta tentativa perde-se o outro e ele desaparece. Existe assim uma negatividade nesta dinâmica, pois nessa proximidade está registrada uma distância. Hoje, oposto disto, é

encontrado um completo cancelamento da distância. Desta forma não se cria proximidade, mas do contrário se cria afastamento (HAN, 2017).

Entretanto Silva e Takeuti (2010) acreditam que mesmo sendo impossível fixar a relação amorosa cibernética a nenhuma coordenada espaço temporal, os namoros virtuais são reais. Para estes autores existe um desprendimento do “aqui e agora”, e as relações existem sem a presença da pessoa física de fato. As pessoas que mantêm relações amorosas pela internet “existem um para o outro” mesmo permanecendo em tempos e espaços diferentes. Concordam ainda que apesar de ser um campo virtual de *desterritorializados* essas relações não são imaginárias, oposto disto, são capazes de causar resultados sólidos, concretos e palpáveis na vida real e presencial das pessoas envolvidas. O namoro por meio cibernético não extingue os encontros pessoais presenciais. Os relacionamentos amorosos cibernéticos são tão sólidos comparados as relações presenciais, pois podem criar efeitos iguais as relações estabelecidas pessoalmente. Contudo, de outra maneira, esse tipo de relacionamento permite uma nova maneira de experiência especial, pois na maior parte da relação, existe a ausência do encontro de corpos, à linguagem é realizada de forma escrita, e ao que consiste em virtualidade e realidade.

Santaella (2004) em um de seus trabalhos relacionados às questões de semiótica retrata a questão do corpo na contemporaneidade. Para esta autora o corpo situa-se em todos os lugares. Explanado, transformado, estudado, dissecado na filosofia, nas ideias feministas, nos estudos sobre a cultura, nas ciências sociais e naturais, na literatura e na arte. No entanto nas mídias, suas manifestações são levadas ao auge. Mas como esclarecer essa onipresença citada acima? Esse acontecimento pode ser em parte esclarecido pelas ansiedades geradas pelos processos de corporificação, descorporificação e recorporificação proporcionado pelas tecnologias do virtual e pelas resultantes simbioses entre as máquinas e o corpo.

Ao criarem a ilusão de que é possível transcender o corpo carnal por meio das descorporificações da simulação, tais processos e simbioses colocam em crise as crenças em uma relativa estabilidade dos limites corporais, pondo em questão as tradicionais estratégias identificatórias constitutivas da subjetividade (SANTAELLA, 2004, p. 2).

Diante desses aspectos e ponderações levantados neste subcapítulo, o que de fato é importante compreender é o como esse formato de relacionamento

amoroso pode implicar sobre a subjetividade e sobre as novas formas de experimentar o amor. Como refletir que em tempos de modernidade líquida e relações com laços afrouxados pelo campo cibernético de relacionamento influência na psique dos indivíduos e na estrutura da cultura.

3.4 Amor líquido

A pretensão deste subcapítulo é continuar refletindo sobre as relações amorosas na modernidade, contudo neste momento será utilizada outra obra do sociólogo Zygmunt Bauman (2004) “Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos”, a fim de apresentar uma delimitação sobre o sentido de “amor líquido” desenvolvido por ele na referida obra. A partir de todos esses conceitos explanados até aqui, será possível dar embasamento teórico nos estudos referente aos sintomas da cultura. Para tal será tomado como objeto de estudo o filme *HER* (que será desenvolvido no quarto capítulo deste trabalho) que trata das questões de liquidez e fragilidade das relações humanas. Tal película narra o amor de um homem “por uma voz feminina”, que se materializa através de um sistema operacional, e os conceitos do sociólogo Bauman assim como o estudo semiótico psicanalítico são satisfatórios para retratar a questão da efemeridade que permeia as relações através dos meios digitais. No mundo contemporâneo as neuroses e os sintomas psíquicos e culturais encontram modernos rumos dentro de ambiente simbólico, dando espaço de atuação para o sujeito, sendo esse espaço de grande valor para o estudo da clínica da cultura.

Numa sociedade cada vez mais líquida, as pessoas procuram no amor, o sentimento de felicidade, essa sensação primeira de prazer. Ao se depararem com a frustração é comum o sentimento de decepção e de dor, não existe tempo para o sujeito elaborar essa perda no mundo moderno, pois tudo tem que acontecer rapidamente. Tem um ditado na cultura popular brasileira que diz o seguinte “só um novo amor pode curar o outro”, se referindo ao rompimento de um relacionamento amoroso. Na atualidade, em que tudo é instantâneo, as relações amorosas não poderiam ficar de fora, os meios digitais “facilitam” essa busca citada no ditado popular, que por um lado tem seu crescimento no sentido de variadas formas de

encontro, e por outro tem o sentido do esvaziamento, de solidão, sentimentos tão, necessários para a psique humana. O filósofo Comte - Sponville (2015) retrata a questão da felicidade em sua obra “A felicidade desesperadamente”, ele afirma que existe o desejo de felicidade, e esse desejo é sempre frustrado, ferido, decepcionado, e traz um verso de Aragon, que em seu poema diz o seguinte, “a felicidade nos falta, a felicidade está perdida. Por quê? Temos de partir do desejo. Não apenas porque, o desejo é a própria essência do homem, como escrevia Spinoza, mas também porque a felicidade é o desejável absoluto, como mostra Aristóteles” (COMTE-SPONVILLE, 2015, p. 24).

Todos querem a felicidade absoluta, que remete o sujeito á uma saudosista sensação de completude. No fundo todas as pessoas querem amar e serem amadas (principalmente) e com isso poder sentir a plena felicidade. Na teoria de Lacan, o sujeito ao nascer é permeado de desejo que vem do grande Outro, através da linguagem, conceito esse sobre a relação que o bebê tem com a função materna. A mãe, comumente, é o primeiro a ocupar esse lugar do Outro primordial, na medida em que ela entrar na ordem simbólica da presença-ausência, a criança determina-se como assujeito, o sujeito, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante. Desta forma o grande Outro começa nessa relação e coloca o sujeito numa posição de que um dia existiu uma completude. Uma busca incessante na vida por essa sensação. O sujeito então busca através dos objetos de desejo essa completude saudosista, uma das formas de buscar essa sensação ilusória da relação primitiva é a busca do par amoroso. Esse tema já foi explanado no capítulo anterior e será aprofundado no quarto capítulo.

Para Montoto (2012), Aristófanes no diálogo do *Banquete* de Platão, já mencionado logo no segundo capítulo deste trabalho, retrata a questão do amor a partir do *mito do andrógino*. Ao narrar seu discurso ele diz que primitivamente a natureza humana era que o homem formava um todo homogêneo. O esforço saudosista para retornar a essa condição é o que é chamado de amor. Para este filósofo o amor é a saudades desta completude que foi perdida em dado momento. Em vista disto, o amor é o desejo de regressar a essa posição que foi perdida.

Para o sociólogo Bauman (2004) a ideia de liberdade é compreendida, no cenário pós-moderno, como o imperativo da fragilidade dos vínculos amorosos que ele intitula de amor líquido que está relacionado ao medo do comprometimento com

o outro (MONTOTO, 2012). E refletir sobre o amor na atualidade é pensar que se tem transmitido que o amor chegou ao fim. Para o filósofo coreano Han (2017) hoje:

(...) o amor estaria desaparecendo por causa da infinita liberdade de escolha, da multiplicidade de opções de possibilidades ilimitadas, o amor não tem vez. Não é apenas a oferta de *outros* que contribui para a crise do amor, mas a erosão de *Outro*, que por ora ocorre em todos os âmbitos da vida e caminha cada vez mais de mãos dadas com a narcisificação do si-mesmo. O fato de *o outro desaparecer* é um processo dramático, mas, fatalmente avança de modo sorrateiro e pouco perceptível (HAN, 2017, p. 7).

Ao tratar das relações amorosas e interpessoais na atualidade Bauman faz uso do termo líquido, pois tem a perspectiva de que os sujeitos existem a partir do consumo, pois assim como um produto pronto para ser utilizado imediatamente, como um prazer que passa rápido, uma satisfação instantânea, essas características aparecem nas relações contemporâneas, que são sustentadas a partir do modelo que configura o sujeito no que diz respeito à satisfação. Portanto assim como um objeto de consumo, o amor se apresenta desta maneira, quando não dá mais satisfação é trocado por outra relação amorosa. Bauman (2004) faz referência a Ulrich, o homem sem qualidades do romance homônimo de Roberto Musil (2006) – que não tendo predicados próprios tinha que criar quaisquer qualidades por si mesmo fazendo uso de seus predicados de sagacidade e perspicácia, ainda que nenhuma de suas qualidades fosse dotada de firmeza hábil que pudesse sustentá-la por longo tempo, em um mundo que se deparava “repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível” (BAUMAN, 2004, p. 7). O autor explica que este personagem é a figura fiel do sujeito contemporâneo, inserido totalmente na moderna sociedade líquida. De fato o herói Ulrich é considerado um homem sem vínculos, que não tinha ligações indissolúveis e decisivas, os sucessores dele são obrigados a agarraram-se uns aos outros e empenhar-se com seus próprios esforços e com laços que podem ser desmanchados, precisam conectar-se.

Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia da permanência. De qualquer modo, eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes (BAUMAN, 2004, p.7).

O que Bauman trata em seu livro é exatamente essa misteriosa fragilidade dos vínculos humanos nas relações contemporâneas, o sentimento de insegurança tão presente que essa fragilidade inspira e os conflitos em relação ao desejo de apertar laços e ao mesmo tempo deixá-los frouxos. Já que esses laços sociais expõem a fragilização e, por isso, de simples descarte, os homens e mulheres almejam por um relacionamento seguro. Ao mesmo tempo, se sentem atordoado pela desconfiança, pelo receio de uniões permanentes e duradouras que esse relacionamento pode proporcionar e que, por resultado, possam provocar uma carga que os sujeitos não consigam ou não estão dispostos a carregar. Desta forma, qualquer relação estabelecida dentro desta lógica se torna conflitante e de risco, uma vez que, do mesmo modo em que se deseja desesperadamente um relacionamento, o envolvido não espera responsabilidade para si, nem obrigações que sejam difíceis de suportar (LIMA et al., 2014).

Nesta questão acima mencionada, torna-se significativo fazer referência a comparação que Bauman (1998) faz em outro trabalho “O mal estar na modernidade”, com o importante artigo de Freud (1930/2010), intitulado “O Mal-Estar na Civilização”. Para Freud só era possível conviver com o outro através da renúncia pulsional, isto quer dizer, abrindo mão das satisfações pessoais e dos prazeres pessoais para viver em sociedade. A cultura e a civilização, não podem ser atingidas se as pessoas não pagarem um elevado preço, desta forma as pessoas deveriam trocar uma parte das suas capacidades de felicidades por uma parte de segurança. Já se passaram mais de sessenta anos que este texto foi escrito e publicado, a liberdade individual impera com excelência: é o valor supremo acima de outros valores, e a alusão pela qual a prudência acerca de todos os preceitos e resoluções acima das individuais deve ser avaliada (NOGUEIRA, 2006).

Ao refletir sobre as questões de individualidade e relações entre pessoas, é perceptível que a cada dia a sociedade está se tornando cada vez mais narcisista. A libido é investida primeiramente e principalmente na própria subjetividade. O sujeito que tem amor próprio coloca um limite negativo em relação ao outro a mercê de si mesmo. O sujeito narcísico, o oposto, não consegue colocar seus limites de forma clara. Desta forma, submergem os limites entre ele e o outro.

O mundo parece para o sujeito com sombras projetadas de si mesmo. Ele não consegue dar conta de outro em sua alteridade e também não a reconhece. Ele só encontra sentido somente quando reconhece de alguma forma a si próprio. Percorre

sem rumo nas próprias sombras até que fique submerso em si mesmo. Atualmente o amor se tornou uma fórmula de gozo, ele necessita criar sentimentos agradáveis. Ele não é mais uma ação, uma história, quanto menos um drama; também, não vai além de um sentimento de agitação contraditório. Não passa pela vulnerabilidade, o assalto ou a ruína. No amor, enfraquecer já seria muito contraproducente. Mas é justamente essa negatividade que satisfaz o amor. Han (2017) ainda afirma que a sociedade não tem abertura para o amor, pois:

A sociedade do desempenho, dominada pelo poder, onde tudo é *possível*. Onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulneração e paixão. (...) O princípio de desempenho, que hoje domina todos os âmbitos da vida, abarca também o amor e a sexualidade (HAN, 2017, p. 29).

Para Costa (1998) Bauman (2004) coloca que o “amor é “incerto, tem valores diferentes e de maneira inevitável trás sofrimento”. Para ele o amor precisa ser invariavelmente alimentado, pois a quantidade de força que se reúne para sustentar e logo ser consumido de forma rápida se não for diariamente preenchido. Portanto, o amor é “insegurança encarnada” (MONTOTO, 2012, p. 52).

Diante deste cenário de construção contemporânea de laços sociais frouxos é que Bauman (2004) traz para reflexão o cerne de liquidez de tais laços que são frágeis e que não dão oportunidade para um novo modelo de relacionamento que o autor nomeia de “relacionamento de bolso”, que se caracteriza pela instantaneidade e a disponibilidade como se pudesse ter acesso no caso de necessidade e logo guardado de volta; relacionamentos que são dosados nos mínimos detalhes, em vista de que ser usados em altas doses pode gerar um envenenamento indesejado. Para que exista uma interação entre os sujeitos a presença física se tornou desnecessária. A respeito do relacionamento, a própria ciência que se tem do termo tornar-se falha dos aspectos que o confundem. Ao mesmo tempo em que as pessoas procuram um relacionamento duradouro, essa possibilidade parece amedrontadora, exige certa medida de compromisso, como é o acontecimento das conexões, das ligações. Por essa razão a cada dia é mais freqüente usar o termo conexões, conectar-se, estar ligado ou ser conectado a redes, e não mais relacionar-se com outras pessoas. Num momento que a sociedade está cada vez mais balizada pelas conexões proporcionadas pelas redes tecnológicas que geraram um

moderno espaço de virtualidade das conexões – ciberespaço, nada mais natural do que conectar-se.

Em relação à rede, é possível compreender aquilo que se utiliza de fonte para esses dois movimentos, o conectar e o desconectar, o ligar e o desligar, que impõe um novo código dos relacionamentos. Conforme Bauman, em que pondere à recente dualidade no que toca esse par de opostos, em uma rede são significantes tanto as possibilidades de desconexão quanto de conexão, não havendo uma que seja mais importante que a outra. É possível notar que as conexões se apresentam em relações virtuais, que, de maneira diferente dos tais “compromissos sólidos”, são admissíveis no espaço da contemporaneidade globalizada. Ao colocar as conexões como novo título para os relacionamentos atuais, elas se transformaram um novo modelo que norteia não somente a área dos encontros amorosos, mas também os demais relacionamentos (LIMA et al., 2014).

Outro ponto importante nesta discussão que o autor propõe é que a repentina abundância e a certa disponibilidade das “experiências amorosas” podem sustentar a certeza de que amar é uma capacidade que de se pode obter, que a direção dessa capacidade aumenta com a experiência e a continuidade do exercício. É normal acreditar que as capacidades de fazer amor estão propensas a crescer com o acúmulo de experiências; que a próxima relação amorosa será uma experiência ainda mais excitante do que a estava vivendo, ainda que não tão estimulante ou emocionante quanto a que virá em seguida. Para Bauman (2004), o amor contemporâneo oferece um ponto de vista de uma experiência de eventos amorosos, dos quais o conhecimento se constrói através de acontecimentos enérgicos e impactantes, porém, ao mesmo tempo em curto prazo, e que são suscitados pela consciência, a princípio da própria fragilidade e pequena duração do “amor” (LIMA et al., 2014). O sociólogo acrescenta:

E assim, é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas garantiam de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço, sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2007, p.21).

As conexões e desconexões no cenário do amor concebem o novo modelo de relacionamento contemporâneo, proporcionado e facilitada pela internet. A liquidez pode ser imaginada como uma nova forma de evitar o confronto com a falta sexual. O sujeito se utiliza com o que cultura oferece para esconder a impossibilidade simbólica em abordar o real (LIMA et al., 2014).

Tendo explanado os principais assuntos desenvolvidos na maneira de pensar no “amor líquido”, e o quanto o avanço das tecnologias e os meios de comunicação virtuais têm influência nas relações amorosas e também na cultura, será possível expor a última parte deste trabalho. Ao lado do que foi apresentado nos capítulos anteriores, será oferecido como base para pensar na fragilidade dos laços humanos e na efemeridade das relações contemporâneas a análise de alguns aspectos do filme *HER*. Esta obra cinematográfica trás uma narrativa que oferece de forma decisiva a influência tecnológica nas relações atuais. A trama que se estabelece entre os personagens também pode ser abrangida no panorama da impossibilidade de completude e por se tratar de um “amor virtual” é possível pensar numa exacerbação do imaginário.

4.0 EXACERBAÇÃO DO IMAGINÁRIO EM *HER*

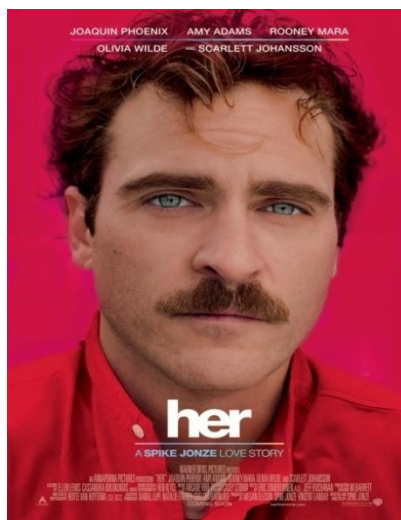


Figura 1

4.1 Ficha do filme *HER*

Após a reflexão dos conceitos que darão base para uma discussão sobre alguns aspectos do filme *HER*, neste capítulo serão expostas questões específicas da longa metragem. Para dar início a discussão será apresentada abaixo a ficha técnica do filme.

Título do Filme: *HER*

Nacionalidade: EUA

Ano de lançamento: outubro de 2013 (EUA), fevereiro de 2014 (Brasil)

Direção e roteiro: Spike Jonze

Edição: Eric Zumbrunnen, Jeff Buchanan

Cia Produtora: Annapurna Pictures

Elenco: Joaquin Phoenix (Theodore Twombly), Scarlett Johansson (Samantha), Amy Adams (Amy), Rooney Mara (Catherine), Chris Pratt (Paul/Recepcionista), Portia Doubleday (Isabella)

Sinopse: Em um futuro próximo na cidade de Los Angeles, Theodore Twombly (Joaquin Phoenix) é um homem complexo e emotivo que trabalha escrevendo cartas pessoais e tocantes para outras pessoas. Com o coração partido após o final de um relacionamento, ele começa a ficar intrigado com um novo e avançado sistema operacional (IOS) que promete ser uma entidade intuitiva e única. Ao iniciá-lo, ele tem o prazer de conhecer "Samantha" (Scarlett Johansson), uma voz feminina perspicaz, sensível e surpreendentemente engraçada. Na medida em que as necessidades dela aumentam junto com as dele, a amizade dos dois se aprofunda em um eventual amor um pelo outro. Esta história de amor incomum explora a relação entre o homem contemporâneo e a tecnologia, além de fazer uma reflexão sobre as relações humanas.

4.2 Argumentos

Ao iniciar os argumentos que justificam a escolha desta película, é importante destacar que *HER* é uma obra sensível e trata dos sentimentos que permeiam as relações humanas. E a escolha do filme para objeto de estudo se deu, pois o cinema pode ser considerado um sintoma da cultura. A trama se desenvolve em volta de um personagem chamado Theodore Twombly (interpretado por Joaquin Phoenix). Ele é um homem apresentado próximo à meia idade, que vive solitário em seu amplo e moderno apartamento de Los Angeles. É um redator num site chamado *Beautiful Handwritten Letters.com* que terceiriza cartas pessoais manuscritas para as pessoas, com pensamentos e belas palavras. Numa rotina que harmoniza melancolia, conformidade e breves momentos de vislumbre para efemeridades cotidianas, Theodore é um homem solitário e melancólico. O passado do protagonista é apresentado em flashbacks, que demonstra sucessivos sentimentos de mágoas, ressentimentos e arrependimentos relacionados, principalmente, a seu último relacionamento amoroso, pois passa por um processo de separação com sua esposa Catherine (interpretada por Rooney Mara). O final desta relação não foi superado, pois Theodore demonstra tristeza por não ter elaborado a perda recente de seu casamento. O diretor Spike Jonze apresenta um ótimo trabalho com seu roteiro, direção de arte e fotografia, pois o filme é todo contextualizado num mundo

futurístico que parece evidenciar a questão da solidão e da fragilização dos vínculos. Assim é possível um mergulho na inquietude da existência de Theodore.

A rotina de Theodore é modificada a partir do momento que ele resolve comprar um novo modelo de sistema operacional pessoal super inteligente (IOS), para preencher sua solidão, mesmo que seja por uma presença virtual. Depois de uma rápida coleta de dados pessoais os parâmetros virtuais do IOS constituem as preferências do cliente e, logo em seguida inicia a interação entre os dois lados. A direção de tal relacionamento é que dá o desdobramento para algumas reflexões e contradições entre as proposições do filme. E, a partir deste momento surge à Samantha, o nome dado por Theodore à sua IOS (interpretada por Scarlett Johansson), por quem Theodore se apaixona e estabelece uma relação romântica que irá basear toda a narrativa. Pensando nas relações que Theodore apresenta em *HER*, não parece que o mesmo demonstra um misantropismo³⁰ melancólico, mas de modo contrário ele tem um círculo restrito de amigos, que aparentemente, se preocupam com seu bem estar. Talvez seja nesta brecha que Samantha se acomoda em sua vida.

Mas como se sabe amor não dá garantias, muito menos quando se ama uma inteligência artificial com sua suposta perfeição. Essa é o grande ápice do filme, que deixa evidente que Theodore ama a si mesmo, pois Samantha o completa. Para ele Samantha é o “todo que faltava”, a completude saudosista. Finalmente como todas as relações humanas, Samantha assim como uma mãe que precisa colocar seu bebê como assujeito para que assim apareça um sujeito causa decepção em Theodore, ela também ama igualmente outros milhares de usuários do sistema e, um dia, sem dar maiores explicações o sistema operacional é retirado. Samantha abandona Theodore levando ele ao desamparo, e prova desta forma que o encontro é efêmero e a felicidade é uma linha delicada.

Os capítulos anteriores trouxeram reflexões a respeito do amor como constituinte das relações humanas que são experimentadas pelo sujeito desde o seu nascimento. Foi retratada a questão sócio-histórica do amor desde a filosofia até a os dias atuais. Para tratar das questões de amor na modernidade foi realizada uma reflexão a cerca do avanço tecnológico como abertura para outras formas das

³⁰ Misanthropia vem do grego (misanthropía, as). Substantivo feminino; tédio ao gênero humano; aversão à convivência social; melancolia, tristeza.

peças se relacionarem, proporcionando, diversas maneiras de interações entre as pessoas através de meios virtuais. Hoje é possível dizer que esse tipo de relação está cada vez mais habitual, neste sentido os relacionamentos estão cada vez mais frágeis e se desfazem rapidamente como consequência da modernidade líquida. Ao mesmo tempo, uma paixão por uma realidade virtual pode levar a reflexão sobre o auge do imaginário que Lacan conceitua em sua obra. E dentro destas perspectivas serão analisadas duas cenas do filme de Spike Jonze, a fim de pensar numa clínica da cultura e fazer uma analogia com todos os conceitos discutidos até aqui.

A longa metragem escolhida de Spike Jonze, *HER*, é uma metáfora da realidade e pode ser compreendida pelas ideias de Lacan e os conceitos de Bauman, trazendo uma reflexão a respeito do amor e da subjetividade humana. O filme *HER* narra o amor de um homem por um sistema operacional; o sociólogo Bauman traz em seus estudos o conceito de “amor líquido” que retrata a efemeridade que também permeia a “era digital”. O amor líquido está relacionado ao medo do comprometimento. A análise do filme tem a proposta de reflexão sobre como o sujeito atual se relaciona amorosamente com a máquina, isto é, projeta neste outro o desejo de ser amado incondicionalmente.

A produção cinematográfica é um ótimo caminho de apresentação de representação de sintomas da cultura, na medida em que expõem situações ligadas as questões subjetivas dos relacionamentos entre os sujeitos, portanto tão importante para uma leitura semiótica psicanalítica da clínica da cultura. O objetivo deste trabalho é contextualizar as questões relacionadas ao amor e seus desdobramentos no mundo contemporâneo. Com esta reflexão será possível abordar o cenário psicanalítico das relações interpessoais, em especial as relação amorosas. Com base nestas informações preliminares será apresentada a discussão a cerca de alguns aspectos do filme.

4.3 Análise das duas cenas do filme

Para a discussão de alguns aspectos do filme proposto, será realizado um recorte de duas cenas, que na opinião da autora desta monografia, é de grande relevância para a compreensão de todos os conceitos desenvolvidos até aqui.

CENA 1



Figura 2

A cena escolhida para ser discutida é apresentada logo no início do filme, quando Theodore está indo embora do trabalho para casa, como faz todos os dias numa rotina tediosa. O protagonista é apresentado como um homem melancólico, triste e cabisbaixo. Parece fadigado com a rotina de seu trabalho que não lhe empolga, embora escreva belas cartas de amor para seus clientes, essas palavras que utiliza em seu repertório da escrita não ecoam de volta para sua própria existência. A paleta de cores pastéis escolhidas pelo diretor parecem evidenciar não somente a apatia e melancolia transmitida por Theodore, mas também um sintoma de uma crise social. Ao passar por um shopping, olhando esperançosamente para um grande outdoor. Quando de repente aparece como uma esperança aos olhos de Theodore a propaganda de um sistema operacional artificialmente inteligente que traz em seu anúncio uma possibilidade, uma esperança.

No anúncio, as pessoas correm em um frenesi em câmera lenta enquanto uma mulher olha para cima e uma luz brilha em seu rosto. O comercial é de um

sistema operacional artificialmente inteligente. Uma voz diz: We ask you a simple question. Who are you? What can you be? Where are you going? What' s out there? What are the possibilities? Elements Software is proud to introduce the firts artificially intelligent operating system.³¹

O sistema operacional é apresentado como uma solução para uma vida sem propósito, como se fosse uma entidade intuitiva da consciência, como é oferecido. Theodore compra o sistema e ao chegar a sua residência faz download do novo programa em seu computador, inicia assim o processo de coletas de dados pessoais para que o sistema operacional (SO) pudesse adequá-lo as suas necessidades. Primeiro o sistema pergunta basicamente sobre sua interação com outras pessoas ele fica incomodado com a pergunta. **Text Voice** - Are yuo social or anti-social? **Theodore** – I haven't been social in a while, really because...**Text Voice** – Would yuo like yuor OS to have a male or female voice?**Theodore** – Mmm... female I guess.³²

Logo o sistema se incomoda e percebe um tom diferente em sua voz. A próxima pergunta que o sistema faz é sobre sua mãe, a resposta da pergunta parece que determina o início desta parceira, pois antes ele escolhe uma voz feminina para iniciar o contato. Embora não seja abordada no filme a relação de Theodore com sua mãe, a própria pergunta do sistema indica que sua resposta é muito importante para o direcionamento do sistema operacional na vida de Theodore. O que fica evidente é que o (SO) captura algo tão imprescindível a ponto de satisfazer os desejos de seu cliente como faz a própria propaganda. Agora o trecho importante: **Text Voice**: How would yuo describe yuor relationship with yuor mother? **Theodore**: Uh, fine, I think, um... Well, actually, the thing I've always found frustrating about my mom is IF I tell her something that's going on in my life, her reaction is usually about her.³³

³¹ Nós te perguntamos uma simples questão. Quem é você? O que você pode ser? Onde você está indo? O que está lá fora? Quais são as possibilidades? Elements Software têm o orgulho de apresentar o primeiro sistema operacional com inteligência artificial. É uma entidade intuitiva que te ouve, te entende e te conhece. Não é só um "sistema operacional, é uma consciência". (Tradução livre feita pela autora da monografia).

³² Voz de texto: Você é social ou anti-social? Theodore: Já faz um tempo que não sou anti social. Voz de texto: Que voz você gostaria que seu sistema operacional tivesse, feminina ou masculina? Theodore: Eu sugiro que seja feminina. (Tradução livre feita pela autora da monografia).

³³ Voz de texto: Como você descreveria seu relacionamento com sua mãe? Theodore: Bem, na verdade, a coisa que eu sempre achei frustrante sobre a minha mãe é que se eu contar a ela algo que está acontecendo na minha vida, à reação dela geralmente é falar sobre si mesmo.

Neste momento o sistema interrompe a fala de Theodore. Imediatamente a voz de uma mulher emerge do sistema operacional com o nome de Samantha. Ela é como uma secretária, amiga, organiza seus arquivos, apaga os antigos, lembra-o de uma reunião. Ela se torna uma companheira, uma pessoa transcendente que o conhece totalmente e pode guiá-lo em sua confusão. Porém no decorrer desta parceria eles iniciam uma relação amorosa. Nesta questão parece que tudo aponta para evidenciar que o sujeito contemporâneo se apresenta ao grande Outro que é apoderado pela mídia, moda mercado etc. sendo o significante que lhe falta ao Outro para ser completo. Se tratando de psicanálise lacaniana, é possível descrever que o sujeito se apresenta como significante da falta de Outro sendo possível assim lhe oferecer a completude (MONTOTO, 2012). Parece então que a Element Software, empresa que desenvolve o sistema é o grande Outro, e tem a função de vasculhar e compreender o desejo do sujeito, em troca disto oferece como uma forma de salvação um sistema que terá como principal função satisfazer os desejos de seus clientes. Não existe na realidade nenhum sistema operacional que se assemelha ao filme, no entanto é possível pensar que a trama evidencia uma evolução digital, considerada uma inteligência artificial muito próxima ao sujeito, pois ela exprime uma subjetividade através de suas opiniões, angústias e desejos. Deste modo é possível considerar que a empresa se dedica de forma obsessiva a estudar o desejo do outro e ao detectar segue percorrendo para satisfazê-lo. De modo constante faz leitura dos sinais que o outro emite sobre seus desejos para que assim busque satisfazê-lo nesta brecha (ibid, p. 43).

Suavemente Samantha vai conhecendo Theodore e a relação de ambos vai se intensificando. Ela sutilmente vai conhecendo cada detalhe de sua vida e sabe exatamente o que Theodore precisa. No começo, Samantha parece deixar que Theodore assuma o controle das interações, mas aos poucos se percebe que todas as ações da mesma são meticulosamente controladas e pensadas especialmente para que Theodore não tenha o controle. Considerando que a fala de Theodore sobre sua mãe é de relevância para a compreensão da relação dele com Samantha, pois após a pergunta sobre a mãe surge Samantha, uma voz sensual de uma mulher. Desta forma é necessário recorrer às questões ligadas a *função materna*³⁴, pois o sistema fisga algo muito rápido da relação que Theodore tem com sua mãe. É

³⁴ Função Materna – conceito trabalhado no segundo capítulo: 2.3 - Conceito de amor na Psicanálise.

na relação com a mãe que Lacan baseia suas principais ideias sobre o sujeito, a mãe como o grande Outro, ela é que erogenisa o corpo do bebê. Recoberta de experiências de satisfação, por um gozo, nas palavras de Freud, a criança vivencia uma relação entre duas pessoas. Nesta ocasião, a mãe é o objeto primordial, a criança é o complemento do corpo da mãe, isto é, o “falo”, identifica-se com seu desejo. Essa posição paradisíaca é cindida quando a mãe faz menção a uma lei que está fora dela. Com esta atitude, ela se coloca como um sujeito incompleto, o que está em questão nesta relação dual e imaginária é a função paterna ou a figura do pai (ROSSI, 2003).

A tristeza de Theodore está ligada ao sentimento de vazio que ele tem na vida, Samantha parece resgatá-lo de algum lugar, ela organiza a vida dele dá um sentido de completude. Ele diz pra ela: *você me conhece tão bem...* em dado momento ele diz que Samantha é mais completa do que ele imaginava. Nestes fragmentos da conversa entre os dois é possível considerar que existe uma relação de “amor”, e ao falar de amor é estar comprometido com uma trama de significações. Nesse sentido é um solo instável, nada mais efêmero do que sentido do amor. Ceder ao bem-estar e mal-estar é permitir que venha a tona tudo o que ele denuncia do sujeito. Theodore se sente arrebatado por Samantha, e é nesses raptos amorosos, o sofrimento e o gozo conjugam-se num tempo, sem tempo preciso, pois as identidades esfumaçam-se – *juntos se tornam “quem é quem”? – “se olhar para ti, estou olhando para mim mesmo, fim da procura”* (ibid, p. 25).

O sentimento melancólico de Theodore parece evidenciar um vazio uma falta, que Samantha consegue preencher, ela escuta a voz de dentro da alma dele. Ela compõe músicas melódicas que o levam ao êxtase quando escuta. E na leitura psicanalítica a compreensão da falta está no falo. O falo é o significante da falta, é o significante da falta do Outro, pois ocorreu uma intervenção do desejo da mãe pelo *Nome-do-pai*. De acordo com Roudinesco e Plon (1998) Nome-do-pai é o “termo criado por Jacques Lacan em 1953 e conceituado em 1956, para designar o significante da função paterna” (ROUDINESCO, PLON, p. 541). Está é a ocasião que o sujeito entra no mundo simbólico. A criança já não é mais o falo da mãe. Aparece aí a linguagem como elemento simbólico consolado pela perda do objeto “amado”, nesta situação, a mãe. É na procura de outros objetos para esse lugar, que a criança se constitui, porém continuamente trazendo em sua essência o desejo daquele primeiro objeto, do primeiro gozo. Todos os objetos que são escolhidos

posteriormente são substitutivos. O primeiro amor deixa sinais nesse aparelho psíquico, especialmente os momentos de plenitude paradisíaca entre mãe e bebê (ROSSI, 2003). O que o protagonista está vivendo nesta relação é um momento de reencontro com o objeto perdido, ele se encontra em êxtase nesta relação. Para Freud (1989, p. 209 apud Deise, 2003, p. 35) as crianças têm bons motivos para dar continuidade aos modelos amorosos baseados na experiência de amamentação no seio materno, para ele o encontro do objeto de amor é na realidade um reencontro.

Em dado momento Theodore e Samantha desejam ardentemente uma relação sexual, mas como seria possível se a (SO) não tem um corpo? Porém conseguem estabelecer uma relação sexual apenas pela fala, descrevem suas fantasias caso estivessem fisicamente juntos, logo chegam ao orgasmo. Neste momento a relação entre os dois fica mais intensa. Theodore logo no início do filme procura se satisfazer sexualmente para não se sentir sozinho, com Samantha entra em cena uma mulher que vai ao encontro de Theodore para que tenham uma relação e sexual e que Theodore sinta como se fosse o corpo de sua companheira. Eles iniciam as relações preliminares, mas o sexo não acontece, Theodore não consegue e a moça vai embora aos prantos. Ele menciona que gostaria de transar para deixar de sentir o vazio que acompanha, acredita que já sentiu tudo o que poderia ter sentido na vida e que daqui pra frente não vai sentir nada novo, somente versões anteriores que já sentiu, perdeu uma parte de si mesmo.

A cada momento da relação com seu (SO) Theodore é alimentado, assim como um bebê. Em “Fragmentos de um discurso amoroso”, Barthes (1981) trata disto com profundidade:

Às vezes, consigo suportar bem a ausência. Sou então “normal”, me igualo à maneira pela qual “todo mundo” suporta a partida de um “ente querido”; obedeco com competência à educação pela qual me ensinaram desde cedo a me separar de minha mãe, o que não deixa, entretanto, na origem, de ser doloroso (para não dizer terrível). Ajo como um sujeito bem desmamado; sei me alimentar, enquanto espero de outras coisas além do seio materno (BARTHES, 1981, p. 28).

Em dado momento ele diz: “*Você é real pra mim Samantha*”, “*queria abraçá-la, tocá-la*”, “*eu sinto você em todos os lugares*”, “*eu virei outra pessoa com você*”. Por uma coerência especial, a pessoa apaixonada compreende o outro como um tudo e, ao mesmo tempo, essa totalidade parece permitir um resto que não pode ser mencionado (ibid, p. 14).

O que Theodore ama em Samantha, é a capacidade de sua infinita onisciência e de estar em todos os lugares dentro de si mesmo, mas esse amor faz parte do imaginário que é um registro psíquico correspondente ao ego. O sujeito busca no Outro (pessoas, amor, imagem objeto etc.) uma sensação de completude, de unidade. No entanto, o Outro não existe para devolver a imagem com o que o ego (eu) quer ser sustentado. O amor sustentado por meios virtuais podem ser compreendidos pelo desejo que o sujeito tem de se sentir completo e amado, esse outro pode ser alguém totalmente idealizado isso faz parte do imaginário. O amor de Theodore por Samantha pode ser considerado uma exacerbação do imaginário. No registro do Imaginário, o amor pode ser fisgado como um conhecimento especular e narcísico, uma imagem que vem na tentativa de garantir uma falta –a -ser. No amor narcísico, existe a experiência do conflito entre as partes e a procura de unidade (ROSSI, 2003).

As coordenadas do amor são de dependência de um Outro, neste caso Theodore sente-se dependente de Samantha, porém o objeto perdido³⁵ lá nas primeiras experiências sempre deixa um resto que retorna, é o componente causado do desejo, ou seja, o *objeto a* (ibid, p. 35). O que fundamenta o Imaginário é o estágio do espelho. Neste momento o *infans*³⁶ tem a fantasia de unidade. Diante desta fantasia, um “eu” se antecipa e se estrutura. A função dessa organização é exercida pela mãe sobre o bebê. A imagem que é devolvida pelo espelho através do olhar dos pais em relação à criança é a base para toda e qualquer relação com o outro. A falta que surge no grande Outro materno é na verdade a imagem do seio alucinado. Ser o significante que preencheria a falta no Outro, isso é a mãe, é o que o *infans* deseja recobrir. Se existe uma falta ao Outro, este Outro é assinalado por um vazio. Nesse teor, é dito o *falo* é o significante da *falta do Outro* (ibid, p. 39).

A perda o objeto (mãe) é essencial, pois algo fica nesse lugar, um vazio o sustenta. Não existe um objeto incondicional capaz de uma satisfação completa, caso isso ocorresse acabaria a própria vida. Desta maneira é possível pensar que a vida é justamente como um conflito na procura de um objeto capaz da satisfazê-la. E na falta de um objeto específico, o imaginário institui um substitutivo através da

³⁵ “Freud nos indica que o objeto é apresentado pela via de busca de objeto perdido. Este objeto, que corresponde a um estágio avançado da maturação dos instintos, é um objeto reencontrado, o objeto do primeiro desmame, o objeto que foi inicialmente o ponto de ligação das primeiras satisfações da criança” (LACAN, 1995, p. 13).

³⁶ Etimologicamente, a palavra *infans* refere-se àquele que não fala (FARIA, 2017, p. 13).

fantasia. Tornar a cobrir essa ausência, essa fragmentação, é um acometimento do imaginário por meio da imagem de Outro. Portanto, esse objeto falta e se existe falta, há então uma incompletude intrínseca à condição humana (ROSSI, 2003).

CENA 2



Figura 3

Nesta cena Theodore se encontra com sua ex-mulher, pois finalmente aceita assinar os papéis do divórcio. O encontro aparentemente começa amistoso, enquanto ela escreve seu nome, ele tem lembranças dos momentos amorosos, como um saudosismo agonizante. Durante a conversa, Catherine pergunta para Theodore se ele está com outra pessoa ele se entusiasma e começa falar de sua relação com Samantha. Segue diálogo:³⁷ - **Catherine:** So what's she like? **Theodore:** Well, her name's Samantha, and she's an operating system, and she's really complex and interesting. I mean it's only been a few months. **Catherine:** Wait. You're dating your computer? **Theodore:** (defensive) She's not just a computer. She's her own person. She doesn't just do whatever I want. **Catherine:**

³⁷ Catherine: Então como ela é? Theodore: Bem o nome dela é Samantha, ela é um sistema operacional, e ela é muito complexa e interessante. Catherine: Espera, você está namorando seu computador? Theodore (na defensiva): Ela não é apenas um computador, ela é uma pessoa única e não faz tudo o que eu quero. Catherine: Eu não disse isso. Mas me deixa triste que você não consiga lidar com emoções reais, Theodore. Theodore: Elas são emoções reais.

I didn't say that. But it does make me sad that you can't handle real emotions Theodore. **Theodore:** They are real emotions.

Este diálogo é importante, pois logo em seguida a relação dele com Samantha começa a se desestruturar. Quando Theodore é pego pelo *real*, pois fica atormentado com as perguntas de sua ex-mulher sobre o seu atual relacionamento amoroso. É neste momento que existe uma quebra nesta relação harmoniosa e perfeita dele com Samantha. Parece um corte feito pela *registro do real*, pois a imagem ali não consegue dar consistência ao eu. É como se naquele momento ele se dessa conta da perda do objeto que o remete a uma perda do eu ou ao que está atrás do espelho: uma moldura vácuca, apontando a estrutura efêmera do eu. De acordo com Roudinesco e Plon (1998) o "*real* é um termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 644). É possível assim se deparar com a presença real do outro. Diante disto, Lacan descreve que o amor faz signo, pois depende de outro signo (ROSSI, 2003).

Embora não fiquem claras as razões que colocaram um final em seu casamento, a construção da narrativa demonstra que Catherine ficava incomodada com a insatisfação de Theodore. Ele solicitava um ânimo que Catherine nesta conversa deixou claro que não tinha. Aqui Catherine é categórica no que condiz com a questão do relacionamento dos dois, ela se enfurece e o acusa de evitar sentimentos reais, Theodore demonstra que vai permitir se enfurecer, mas fica contido em seus próprios pensamentos. Ele mantém o casamento mesmo já não morando mais com sua esposa, parece ter dificuldade em lidar com o objeto perdido, acaba punindo a ex-mulher, mas também se puni, não abrindo espaço para outros relacionamentos. No relacionamento de Theodore e Catherine existia um sentimento de falta, e falar em falta é pensar que alguma coisa está ausente, não é possível ter tudo o que se deseja; o sujeito sempre quer muito mais nunca está satisfeito, e deseja sempre o que não tem, e a falta é um significante absoluto competente para representar o sujeito; a linguagem não consegue dizer tudo; o amado não é tudo para o amante. O amado não tem condições de superar todas as expectativas do amante, continuamente sempre falta algo (ibid, p. 45).

O protagonista no decorrer da narrativa se isola em seu apartamento, e expressa de maneira contrária um sentimento de raiva que não consegue expressar livremente, aparenta existir um ressentimento em relação à Catherine. Neste sentido o ressentido não tem dúvidas a respeito de si mesmo, ele não coloca em discussão a equidade de suas ações e seus fundamentos. Se tratando de ressentimento, “o que está em questão é sempre o outro” (KHEL, 2011, p. 39).

O discurso de Theodore é uma fala de mágoa, que para Barthes (1981) é o discurso amoroso, comumente, uma película absorta lisa que se junta à Imagem, uma luva delicada envolvendo o ser amado. É um discurso contemplativo. Quando a imagem muda, essa película se rompe; é um tremor que revira a própria linguagem. Theodore se depara com a angústia: “O sujeito apaixonado, do sabor de uma ou outra contingência, se deixa levar pelo medo de um perigo, de uma mágoa, de um abandono, de uma reviravolta, sentimento que ele exprime sob o nome de angústia” (BARTHES, 1981, p. 22).

A dificuldade de Theodore em assinar os papéis do divórcio também está ligada ao medo do desligamento abrupto do outro, como se estivesse postergando o sofrimento. Costa (1998) retrata que no jogo amoroso existe a permissão pela saída flutuante, pois ela se registra em suas próprias leis. Uma das ideias do amor romântico é que os parceiros devem ser libertos para desfazer o vínculo afetivo quando avaliarem que assim deve ser. Para que a paixão prevaleça entre esses parceiros é necessário que ambos concordem com o começo do romance, para romper um caso de amor, basta que uma das partes anseie pelo fim. Os sentimentos do outro não tem peso. A flutuação arrisca, precisamente, se antecipar para a chegada desse momento doloroso. Ao abandonar de modo sistemático o outro é uma maneira de evitar ser abandonado, assim evita o sofrimento de amar sem ser amado. Para Bauman (2004), o valor do amor está nesta delicada relação entre responsabilidade e liberdade. A fixação está mais ligada à responsabilidade e a flutuação para a liberdade. O amor moderno tem a tendência de “descomprometimento flutuante”, pois aparenta romper com a estabilização que o deixava moralmente justificável. De outro modo, não existe conseqüências nesses estilos amorosos, o “outro” conta pouco nessa relação. O amor se transformou em não necessário e não comprometido com o futuro. Theodore parecia se importar com seus próprios sentimentos e não com os sentimentos de Catherine.

É interessante uma análise que Powers (2014) faz em sua crítica a respeito do filme, intitulada *Yours, Not Yours: Melancholy and History in the Film "HER"*.³⁸ Ele trata o final como um "arrebato", pois depois dessa relação intensa entre Samantha e Theodore é chegado o momento final em que ela confessa que está conversando com outros milhares de membros do sistema operacional, e está apaixonada por centenas destes. Theodore diz neste momento: "*Isso é insano*". Ele ressalta: "*Você é minha e não é minha*". Samantha responde: "*Não, eu sou sua e não sua*". Nesta última cena todos os sistemas operacionais reencenam o arrebato, pois eles se juntam numa mente coletiva e evoluem para uma consciência de luz e imaterial, como num *nirvana digital*. Neste momento Samantha abandona Theodore em seus próprios pensamentos. Eles se amam. É neste final apocalíptico que Theodore consegue escrever uma carta de despedida para sua esposa, e agora escreve de forma profunda, pois utiliza sua própria voz para escrevê-la.

4.4 A liquidez em *HER*

"O amor deles é real? Ou ele está fugindo de um relacionamento humano real?"
The independent

A ideia de alguém amar uma pessoa através de um sistema operacional traz à baila as questões que estão no cerne do mundo atual e sobre as novas formas de amar. Bauman (2001) em seu conceito sobre as relações na contemporaneidade mostrou claramente que a fragilização dos laços faz companhia ao avanço tecnológico. Embora o filme seja uma ficção, parece que Spike Jonze deixa evidente uma tendência que num futuro (não tão distante) as relações amorosas serão atravessadas pela efemeridade que permeia as relações na era tecnológica.

Como foi tratado no terceiro capítulo o termo "modernidade líquida" criado por Bauman (2001), está associado à sociedade contemporânea, pois trata as relações modernas como temporárias e líquidas. A sociedade está sempre em movimento, às modificações nas relações são cada vez mais instantâneas, as verdades não são absolutas. Uma das características do amor líquido é o medo do comprometimento,

³⁸ Seu não seu: melancolia e história no filme "HER".

por isso tudo é trocado de forma constante. O amor se tornou capital, sempre existe um novo a ser trocado quando se o que tem não satisfaz mais. Tais movimentos ficam claros na longa metragem, pois evidencia que as relações estabelecidas são trocadas com certa facilidade, um exemplo de fragilização dos laços propostos pelo sociólogo, pois quando as relações amorosas e ou de amizade não trazem satisfação são trocadas por outras.

O sentimento melancólico de solidão atravessa todo o filme, e toda a sutura³⁹ apresentada durante a trama evidencia a representação da fragilização dos vínculos em detrimento ao avanço tecnológico. A fotografia utilizada por Spike Jonze reforça esse sentimento de solidão. Ele mostra uma Los Angeles futurística na qual às pessoas são apresentadas todas de forma muito parecidas, ninguém é diferente entre as pessoas, as roupas utilizadas são todas iguais as cores como dito anteriormente são cores de tons pastéis, as pessoas não conversam entre si, apenas como seus pequenos aparelhos.

A maneira virtual de se relacionar é a forma que o protagonista escolheu para ir ao encontro com o seu desejo de ser amado e completo. No decorrer da relação entre ambos, Samantha vai se adequando cada vez mais aos seus anseios. Nessa perspectiva esses conceitos compreendem que as relações amorosas estabelecidas por meios virtuais estão cada vez mais comuns e seus efeitos psíquicos e culturais também. Nelas o sujeito projeta seu desejo de ser amado e completo na pessoa que esta atrás da máquina, isto é, ele se apaixona pelo ideal de alguém que não existe. Por outro lado a busca de Theodore em se sentir amado por meio da tecnologia pode ser interpretada como uma maneira dele manter-se afastado de uma relação real, desta forma, não precisa lidar com as frustrações que o amor poderá trazer ao longo do tempo.

³⁹ O Sistema de Sutura é um conceito criado por Jean-Pierre Oudart que desenvolve sobre articulação dos planos ausentes e presentes no cinema.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da presente monografia se deu a partir dos questionamentos relacionados ao amor e como as relações virtuais têm mediado os encontros amorosos na contemporaneidade. Falar sobre o amor é se debruçar no que tem que de mais misterioso na relação humana. O filme de Spike Jonze deixa evidente que as pessoas buscam na relação amorosa o sentimento de felicidade e completude, mesmo nas relações estabelecidas virtualmente, contudo a narrativa da longa metragem ainda não consegue preencher todas as lacunas de que se trata este enigma indecifrável.

Diante de todas as reflexões realizadas até aqui é possível considerar que o amor faz parte das relações entre os sujeitos e os mitos sobre o amor que vieram a partir do pensamento moderno do amor romântico ainda vigoram como um sentimento único, inconfundível e universal a natureza humana. Além disto, ainda prevalece a ideia de que o amor trás consigo a felicidade quando se tem a pessoa amada, ou que a união entre duas pessoas tem que ser permeada por desejo e ou a paciência diante do relacionamento que chegou ao fim. O amor foi mudando ao longo do tempo, e em cada época se apresentou com configurações diferentes, no entanto na psicanálise tanto em Freud como em Lacan ambos conceituam o amor como constituinte da psique humana surgido nas primeiras relações parentais.

Foi possível compreender que o avanço tecnológico apresenta seus efeitos nas relações entre as pessoas e na cultura. Com a tecnologia criada pelo próprio homem, ele também se torna vítima de sua própria criação. Hoje um dos meios de comunicação mais rápidos é a internet, e as relações estão cada vez mais estabelecidas por esse meio. Neste caso a escolha do filme *HER* foi adequada para unir essas ideias e compreender que as relações mediadas pela virtualidade tende para fragilização dos vínculos afetivos e para a liquidez dos relacionamentos amorosos, conceitos discutidos por Bauman.

O filme retrata que as pessoas ao estarem conectadas com seus pequenos aparelhos também estão desconectadas, sem outras formas de convivência se sentindo perdidas, porém continuam com necessidades de criar laços afetivos. As pessoas estão a cada dia vivendo em seus pequenos mundos virtuais e individuais. A reflexão a respeito da individualidade aponta para uma sociedade que está se

tornando cada vez mais narcisista. O sujeito narcísico que se relaciona por meio virtual ou como mostra o filme por um sistema operacional artificialmente inteligente, deixa claro o que a psicanálise trata sobre o amor que ele faz “parte do imaginário”. Quem a pessoa ama quando ela ama alguém que está por traz de uma máquina?

6.0 - BIBLIOGRAFIA:

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. 3. ed.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____, Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade, desesperadamente. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.

COSTA, Jurandir Freire. Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DUMOULIÉ, Camille. O desejo. Pretópolis: Vozes, 2005.

FARIA, Michele Roman. Constituição do Sujeito e Estrutura Familiar: O complexo de Édipo, de Freud a Lacan. Taubaté - SP: Editora e Livraria Cabral Universitária, 2017.

FIGUEIREDO, Lígia Baruch de.; SOUZA, Rosane Mantilla de. Tinderellas: o amor na era digital. São Paulo: Ema livros, 2017.

FREUD, Sigmund. “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem” [Contribuições à Psicologia do amor I] [1910]. In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909 - 1910). Obras completas, vol. 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____, “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa” [Contribuições à Psicologia do amor II] [1912]. In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909 - 1910). Obras completas, vol. 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____, Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas, vol. 12. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, “Os instintos e seus destinos” [1915]. In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas, vol. 12. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921). Obras Completas, vol. 15. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____, “Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade” (1922). In: Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921). Obras Completas, vol. 15. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul. Agonia de Eros. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KHEL, Maria Rita. Ressentimento. Coleção Clínica Psicanalítica. 4. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____, O Estádio do Espelho como Formado da Função do Eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____, O seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____, O seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____, O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____, O seminário, livro 20: mais ainda, 1972-1973. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, J.B. Vocabulário da psicanálise. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LINS, Regina Navarro. Novas formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LOPES, Maria Madalena de Freitas. Conceito de amor em Psicanálise. São Paulo: Centauro, 2009.

MONTOTO, Claudio César. Amor: metáfora eterna. 1. ed. – São José do Rio Preto, SP: Bluecom Comunicação, 2012.

PHILLIPS, Adam. “O amor”, In: O Flerte. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROSSI, Deise Mirian. O amor na canção: uma leitura semiótico-psicanalítica. São Paulo: EDUC; Casa do Psicólogo; Fapesp, 2003.

ROUDINESCO, E. & Plon, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUGEMONT, Denis de. A história de amor no ocidente. 2. Ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007. – Comunicação.

6.1 Artigos Acadêmicos:

CALDAS, Heloisa; MAIA, Maria Angela Mársico. O amor como semblante (2011). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v63n3/09.pdf>. Acesso em: 25/03/2018. p. 107-116.

FLORIANO, João Paulo Braga. O discurso de amor em O Banquete (2015). Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao17/09172015RT.pdf>. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia – Faculdade Católica de Pouso Alegre. Acesso em: 25/03/2018 p. 126-134.

LIMA, Nádya Laguárdia de. et al. As manifestações do amor cortês em tempos de relacionamento virtual (2014).

http://www.isepol.com/asephallus/numero_18/pdf/as_manifestacoes_do_amor.pdf. Acesso em 12/02/2018. p. 17-35. Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana.

NOGUEIRA, Cristiane Santos de Souza. Nova formas de lidar com o processo de separação conjugal na modernidade líquida (2006). Disponível em:

http://www2.pucminas.br/documentos/dissertacoes_cristiane_souza.pdf. Acesso em 24/06/2018. p.13-144.

PLATÃO. Versão Eletrônica do livro “Banquete” (2003). Disponível em:

<HTTP://br.egroups.com/group/acropolis/>. Acesso em: 12/5/2018 p. 3-60.

SANTAELLA, Lúcia. O corpo como sintoma da cultura (2004). Disponível em:

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/17/17>. Acesso em: 02/07/2018. p. 1-18.

SILVA, Vergas Vitória Andrade da. ; TAKEUTI, Norma Missae. “Romance na web”: Formas de experimentar o amor romântico num namoro virtual (2010). Disponível em:

<HTTPs://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/784/726>. Acesso em: 24/01/2017. p. 398-455.

VANHAZEBROUCK, Vanessa Augusta Luparia. Uma analogia do amor platônico na óptica Freudiano-Lacaniana (2011). Disponível em:

http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbium/vol6_1/06_01_04analogiaamorplato.pdf. Acesso em: 25/03/2018. p. 43-63

6.2 Outros Textos:

POWERS, Nicholas. Yours, Not Yours: Melancholy and History in the Film “HER”

(2014). Disponível em: <https://independent.org/2014/04/yours-not-yours-melancholy-and-history-in-the-film-her/>. Acesso em: 24/01/2017,